



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Biblioteconomia

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA BIBLIOTECA CENTRAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - BCE/UNB:
teoria e prática para a capacitação de multiplicadores**

Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos Santos

Brasília,
Julho de 2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Biblioteconomia

JÔNATHAS RAFAEL CAMACHO TEIXEIRA DOS SANTOS

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA BIBLIOTECA CENTRAL DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - BCE/UNB:
teoria e prática para a capacitação de multiplicadores**

Monografia apresentada à Faculdade de
Ciência da Informação da Universidade
de Brasília como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Biblioteconomia

Orientadora: Profa. Dra. Elmira Luzia
Melo Soares Simeão

Brasília,
Julho de 2013

Santos, Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos.

Competência em Informação na Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UnB: teoria e prática para a capacitação de multiplicadores / Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos Santos. – Brasília, 2013.
96 f.; il.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof. Dra. Elmira Luzia Melo Simeão
Bibliografia

1. Competência em Informação. 2. Information Literacy. 3. ALFIN. 4. Multiplicadores. 5. Biblioteca Universitária 6. Capacitação de bibliotecários. I. Título.



Título: Competência em informação na Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB: teoria e prática para a capacitação de multiplicadores.

Aluno: Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos Santos.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 25 de julho de 2013.

Elmira Luiza Melo Soares Simeão – Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Sely Maria de Souza Costa - Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Emir José Suaiden – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Ao **Autor da Vida**, na certeza de que tudo o que tenho, sou e faço vem Dele.

Aos meus pais, pelo exemplo de vida que neles encontro.

Aos livros, razão de ser de minha prolixidade.

AGRADECIMENTO

Ao Deus de toda graça e sabedoria, “Senhor de todos os domínios da vida humana”, por revestir de significado tudo o que faço.

À minha mãe, mulher virtuosa, de coração largo, que “ri quando deve chorar” e me ensina, agarrada à Esperança, que nunca é tarde para recomeços.

Ao meu pai coruja, humano e amoroso, que sempre faz questão de me afirmar como seu maior tesouro, e que nunca diz “não” a quem dele precisa.

À minha irmã, por tornar-se a amiga que eu sempre sonhei em ter dentro de casa.

Aos meus irmãos de fé, companheiros de peregrinação e “resenha”, que me sustentam com suas palavras, risadas e intercessões.

Ao NVC, por inserir a Universidade e o valor da diversidade em minha visão de missão e Reino.

Ao SCA, por oportunizar à minha vida universitária um espaço de reflexão teológica vívida e engajadora.

Aos parceiros de UMP, L’Abri, PIPT, IBFT, “Hunderun” e “Caixa Alta”. Todos vocês, de alguma maneira, são culpados por o “Murruga” ser quem ele hoje é!

Aos meus amigos, que, inspirados nos mosqueteiros de Alexandre Dumas, incessantemente correm atrás de mim “como sombras”.

À tia Jú, conselheira, segunda mãe e orientadora nas horas vagas.

Aos estudantes que ingressaram comigo no segundo semestre de 2009 no curso de Biblioteconomia, e aos professores com quem tive o prazer de aprender nestes cinco anos de graduação.

Às colegas da Iniciação Científica Rosane Cossich e Thayany Anjos, e ao André Bertúlio com os quais divido os méritos desta pesquisa.

À minha orientadora Elmira Simeão, pelo auxílio e por me conferir tamanha liberdade na confecção deste trabalho.

À Rebecca, pela “sensível” disposição em ajudar-me na confecção do *abstract*.

Aos bibliotecários entrevistados nesta pesquisa, por cederem parte do seu tempo em prol da realização deste trabalho.

A todos que possibilitaram esta realização, seja em atos, palavras ou orações.

“Toda coletividade do Ocidente necessita hoje de certo número de médicos, magistrados, militares... e bibliotecários. E isso porque, segundo parece, essas sociedades devem cuidar de seus membros, ministrar-lhes justiça, defendê-los e fazê-los ler”

Ortega y Gasset

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que analisa as características dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB). Estuda seu desempenho como multiplicadores no processo de capacitação de usuários para pesquisa e busca de informações em atividades acadêmicas. Objetiva identificar quais características devem permear a formação do bibliotecário multiplicador em Competência em Informação no contexto da BCE/UnB. Este objetivo é decorrente dos resultados colhidos na primeira etapa do Projeto de Iniciação Científica (PROIC) deste pesquisador. Para tanto, recorre-se à pesquisa de campo que coletou percepções dos bibliotecários sensibilizados ao tema, por meio de entrevistas, sobre as características que devem permear sua formação. Conclui-se, entre outras coisas, que as características que devem permear a formação do bibliotecário multiplicador no contexto da BCE/UnB são: a atualização sobre os serviços prestados pelos diversos setores da biblioteca, a ênfase em habilidades didático-pedagógicas, e o incentivo, por parte da biblioteca, à produção de conhecimento e à educação continuada.

PALAVRAS-CHAVE: Competência em informação; Information Literacy; ALFIN; Multiplicadores; Biblioteca Universitária; Capacitação de bibliotecários

ABSTRACT

This is a research that analyzes the features of University of Brasília Central Library - BCE/UnB librarians. It studies their performance as multipliers in the process of users capacity to search and locate information on academic activities. The objective is to identify which characteristics must permeate the development of the multiplier librarian in Information Literacy in the context of BCE/UnB. This objective comes from results of another research, a Cientific Iniciation Project, also by this researcher. It uses field data that collects perceptions about characteristics of the librarians' development, through interviews, from the professionals that are touched by Information Literacy. Amongst other things, it concludes that the characteristics that must permeate the development of the multiplier librarian in Information Literacy in the context of BCE/UnB are: the updated information about the service offered by the various sectores of the library, the emphasis in teaching and educational skills, the incentive, made by the library, to knowledge production and lifelong learning.

KEYWORDS: Information Literacy, Information Competence, Multipliers, University Library; Librarians capacity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista aérea do Instituto Central de Ciências à época de sua construção	52
Figura 2: Vista traseira da Biblioteca Central após sua construção	55
Figura 3: Desenvolvimento da equipe	63

LISTA DE SIGLAS

ACRL	Association of College and Research Libraries
ALA	American Library Association
ALFIN	Alfabetização Informacional
ANLTC	Academic and National Library Training Cooperative
BCE	Biblioteca Central
BCE/UnB	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BDS	Biblioteca Digital e Sonora
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
COMUT	Comutação Bibliográfica
CRIG	Caval Reference Interest group
DHI	Desarrollo de Habilidades Informativas
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
IFLA	International Federation of Library Association and Institutes
NCLS	National Committion on Libraries and Information Science
PROIC	Projeto de Iniciação Científica
QULOC	Queensland University Libraries Office Cooperation
SCONUL	Society of College, National and University Libraries
SEDIC	Sociedade Espanhola de Documentação e Informação Científica
UACJ	Universidad Autónoma de Ciudad Juarez
UCM	Universidad Complutense de Madrid
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CONCEITOS E ANTECEDENTES HISTÓRICOS ..	16
1.1 Discussão terminológica	19
1.1.1 Alfabetização Informacional	20
1.1.2 Letramento Informacional.....	21
1.1.3 Competência em Informação/Competência Informacional	22
1.1.4 Habilidade Informacional.....	24
1.1.5 Literacia Informacional.....	24
1.1.6. Opção terminológica do autor: Competência em Informação.....	25
1.2 Breve histórico do movimento de Competência em Informação	26
1.3 Competência em Informação e sua assimilação biblioteconômica	27
2 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO	30
2.1 Universidade e biblioteca: integração da Competência em um ambiente acadêmico	32
2.1.1 Competência em Informação e biblioteca universitária.....	34
3 BIBLIOTECÁRIO UNIVERSITÁRIO COMO MULTIPLICADOR	37
3.1 Quem é o bibliotecário?	37
3.1.1 A missão do bibliotecário	38
3.1.2 O bibliotecário, a sociedade da informação e as novas tecnologias.....	40
3.2 O bibliotecário universitário	43
3.2.1 O bibliotecário universitário como multiplicador.....	44
3.3 Treinamento e capacitação de multiplicadores: iniciativas internacionais ..	46
3.3.1 Austrália.....	47
3.3.2 Regiões de língua francesa: Bélgica, França, Quebec e Suíça.....	47
3.3.3 América Latina	48
3.3.4 Países nórdicos: Finlândia, Dinamarca, Noruega e Suécia.....	48
3.3.5 Espanha.....	49
3.3.6 África Subsaariana.....	49
3.3.7 Reino Unido e Irlanda	49
3.3.8 Estados Unidos e Canadá.....	50
3.3.9 África do Sul	50
4 UNB, BCE E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	51
4.1 UnB: da utopia à realidade	51
4.2 A Biblioteca Central	54
4.3 BCE/UnB como ambiente propício para a capacitação em Competência	56

5 METODOLOGIA	59
5.1 Subsídios da pesquisa	59
5.2 Instrumento de pesquisa: entrevista aos bibliotecários	60
5.1.1 Modelo conceitual de estruturação do roteiro de entrevista	61
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	64
6.1 Pesquisa de campo	64
6.1.1 Perfil do multiplicador.....	64
6.1.2 Percepção das ações da BCE para o tema.....	65
6.1.3 Percepção do bibliotecário como agente multiplicador do processo (individual/em rede).....	69
6.2 Campo x Literatura	73
7 CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A - Relatório parcial do Projeto de Iniciação Científica “Competência em Informação como atividade do bibliotecário” (1ª Etapa)	86
APÊNDICE B - Entrevista PROIC.....	94

INTRODUÇÃO

A atual Sociedade da Informação requer de seus integrantes uma nova forma de lidar com as demandas informacionais por ela geradas. Como se percebe com o passar do tempo, os papéis econômico e social de atividades de informação têm se apresentado como primordiais para esse novo contexto. A importância da informação, hoje, ultrapassa as atividades ligadas a unidades de informação e seus profissionais, alcançando primazia em discursos de estratégias organizacionais e de progresso socio-cultural de uma nação.

É nesse contexto que a Competência em Informação floresce e se torna fundamental. A habilidade de reconhecer a necessidade de informação e a aptidão para identificá-la, localizá-la, avaliá-la e usá-la de maneira efetiva para resolução de problemas são de fundamental valia para a lida com informação por parte dos integrantes dessa nova sociedade. Esse ajuntamento é exatamente o bojo de práticas que formam a Competência em Informação, práticas essas que têm sido cada vez mais investigadas e fomentadas em contextos de estudo e formação, como universidades e bibliotecas. Nesse sentido, a Universidade de Brasília tem, aos poucos, se inserido nessas investigações, sendo que é a Faculdade de Ciência da Informação desta universidade a unidade acadêmica que tem fomentado esses estudos, inclusive na estruturação de possíveis projetos de Competência em Informação.

Tendo em vista a concretização do acordo de Cooperação Técnica Internacional da Universidade de Brasília e Universidad Complutense de Madrid (UCM), importante instituição europeia com destaque na pesquisa na área da Ciência da Informação, foram iniciadas diversas pesquisas na área de Competência em Informação. O trabalho de investigação desenvolvido pela Facultad de Ciencias de la Documentación da Universidad Complutense de Madrid e a Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília tem como objetivo dar apoio à coordenação de projetos de capacitação em Alfabetização Informacional ou Competência em Informação. A partir da consolidação dessa parceria, a Universidade de Brasília entra, de vez, na rota da Competência em Informação, sendo que a Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB), junto à FCI, é peça fundamental nessa iniciativa.

Entende-se que a implementação de um projeto de Competência em Informação na BCE/UnB seria inviável sem que os bibliotecários que dispõem como eventuais

líderes do processo, como multiplicadores da Competência, sejam ouvidos e analisados. Esses profissionais desempenham, como será percebido ao longo desta pesquisa, um papel fundamental na prática e no ensino da Competência em Informação. Portanto, a identificação das características que devem permear a formação desses profissionais como multiplicadores em Competência em Informação, e a relação de tais características com o contexto da Biblioteca Central, são de primordial importância para o bom êxito dos projetos de Competência em Informação na BCE/UnB. Diante disso, o que se pretende com essa pesquisa é responder: **Quais características devem permear a formação do bibliotecário multiplicador em Competência em Informação no contexto da BCE/UnB?**

O objetivo geral desta pesquisa, então, é identificar quais características devem permear a formação do bibliotecário multiplicador em Competência em Informação no contexto da BCE/UnB. Esse objetivo é decorrente dos resultados colhidos na primeira etapa do Projeto de Iniciação Científica da Universidade de Brasília 2011/2012 (PROIC) deste pesquisador. Nesse sentido, esta pesquisa complementa registros feitos em um ano de pesquisas e lança algumas das bases que devem permear tanto a capacitação de multiplicadores como a implementação de um projeto de Competência em Informação na BCE/UnB.

Para que as características formativas dos multiplicadores fossem identificadas, lançou-se mão de pesquisa de campo, o que permitiu a coleta direta, a partir de entrevistas, das percepções dos bibliotecários sensibilizados ao tema sobre as características que devem permear sua formação.

Esta pesquisa é estruturada da seguinte maneira: o primeiro capítulo trata de conceitos e antecedentes históricos da Competência em Informação, pontuando características peculiares e conceitos fundamentais relacionados a essa prática. O leitor perceberá, por exemplo, que a escolha pela expressão “Competência em Informação” como tradução da expressão americana “Information Literacy” não é unanimidade entre os teóricos, e que essa opção possui justificativas tanto conceituais como pragmáticas.

O segundo capítulo discorre sobre a Competência em Informação e sua relação com a atual situação informacional na qual nos encontramos. Nesse sentido, são apontadas relações entre a Era da Informação, a Sociedade da Informação e a prática da Competência. Além disso, é indicado o espaço da Universidade e da Biblioteca nesse contexto.

O terceiro capítulo aborda o papel do bibliotecário no discurso da Competência em Informação com foco no contexto universitário. Para tal, discorre-se sobre quem é esse profissional e qual a sua missão e o seu papel no contexto da Sociedade da Informação e das novas tecnologias da informação. Aqui, a função do bibliotecário como multiplicador em Competência é apresentada e defendida. Em adição, são listadas, ainda neste capítulo, iniciativas internacionais de treinamento e capacitação de multiplicadores.

No quarto capítulo é realizada uma breve análise do contexto no qual os multiplicadores desempenhariam suas funções: a Universidade de Brasília e sua Biblioteca Central. Partindo da visão dos idealizadores da UnB, este pesquisador percebe uma certa sincronia entre o projeto inicial da universidade e de seus Órgãos Complementares e a iniciativa de Competência em Informação em instituições de ensino superior.

O quinto capítulo apresenta a metodologia na qual se baseou esta pesquisa e explica com mais detalhes como este trabalho alinha-se a iniciativas de pesquisa anteriores cunhadas na trajetória de Iniciação Científica deste pesquisador.

O sexto capítulo apresenta a análise dos dados colhidos na pesquisa de campo e promove a iniciativa de cruzamento desses dados com a fundamentação teórica desta pesquisa, o que possibilita o apontamento não só das características objetivadas neste trabalho mas de indicativos extras sobre uma iniciativa de Competência em Informação na BCE/UnB.

Por fim, apresenta-se a conclusão desta pesquisa, que traz uma breve explanação das características que devem permear a formação dos bibliotecários multiplicadores no contexto da BCE/UnB e suas conexões com os dados analisados no capítulo anterior.

1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CONCEITOS E ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Associações e autores têm assumido distintas definições a respeito do conceito de “Competência em Informação” (*Information Literacy*). A caracterização de quem é competente em informação mais comumente utilizada e citada, de acordo com Lau (2008), é a cunhada pela *American Library Association* (ALA). Esta caracterização, além de utilizada pela *International Federation of Library Association and Institutes* (IFLA) na seção de seu site que trata desse tema, é, segundo Byerly & Brodie (1999 *apud* LAU, 2008), uma das definições pioneiras de *Information Literacy*:

Para ser competente em informação, uma pessoa precisa estar apta para reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de **localizar**, **avaliar** e **usar** efetivamente a informação demandada. [...] Ultimamente, pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Eles sabem como aprender porque sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar informação, e como usar informação de modo que outras pessoas possam aprender a partir deles. (ALA, 1989, *online* grifo nosso, tradução nossa).

Semelhantemente à ALA (1989), a *Association of College and Research Libraries* (ACRL), que é uma divisão da própria Associação de Bibliotecas Americanas, afirma ser a Competência em Informação “um conjunto de habilidades que capacita indivíduos a reconhecerem quando a informação é necessária e a possuírem a aptidão para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária” (ACRL, 2000, *online*, tradução nossa). Jesus Lau (2008, p. 08), em trabalho conjunto com a IFLA, mesmo entendendo a suficiência da definição da ALA para abarcar todo o espectro da Competência em Informação, também a conceitua:

Um cidadão competente, seja um estudante, um profissional ou um trabalhador, é capaz de reconhecer suas necessidades de informação, sabe como localizar a informação necessária, identificar o acesso, recuperá-la, avaliá-la, organizá-la e utilizá-la. Para ser uma pessoa competente em informação, deve saber como se beneficiar do mundo de conhecimentos e incorporar a experiência de outros em seu próprio acervo de conhecimentos.

A *Society of College, National and University Libraries* (SCONUL), a partir da ênfase dada pela ALA (1989) e pela ACRL (2000) na busca, avaliação e uso da informação, afirma, em seus sete pilares da Competência em Informação:

Competência em Informação [*Information Literacy*] é uma expressão genérica que abrange conceitos como a competência digital, visual e midiática,

competência acadêmica, uso da informação, habilidades informacionais e gestão de dados [...]. Pessoas competentes em informação demonstrarão uma conscientização de como se busca, usa, gerencia, sintetiza e se cria informação de maneira ética e terão habilidades informacionais para fazer isso de maneira eficiente. (SCONUL, 2011, p. 03, tradução nossa).

Partindo do conceito de *Information Literacy* como Alfabetização em Informação (ALFIN), SIMEÃO & PROENÇA (2011, p. 123-124) entendem a Competência em Informação

como um conjunto de habilidades e competências, desenvolvidas de forma disciplinada e coerente, capazes de tornar uma pessoa mais autônoma na busca e uso de informações. Ou seja, dentro de um ciclo completo de ações, o sujeito deverá perceber suas limitações e necessidades, o contexto onde se insere, para em um segundo momento iniciar a busca de informações que supram suas carências. Na fase de busca deverá compreender os diferentes tipos de opção e escolher os documentos e informações mais adequados, verificando a pertinência e outros fatores. Em uma das últimas habilidades do ciclo, o sujeito mostrará de fato sua autonomia se for capaz de comunicar sobre o tema pesquisado. Nessa fase tem o domínio de técnicas e habilidades comunicativas, que o tornarão capaz de tratar a informação, editá-la dando-lhe diferentes formatos. É portanto um conjunto de ações: incluindo a busca, a localização, a avaliação e o uso correto em uma ação comunicativa.

Miranda (2004), antes de definir “Competência em Informação”, identifica na literatura corrente os tipos de competência e as variadas formas de classificação e utilização deste termo. A autora mensura, assim, a evolução histórica da abordagem do conceito em questão, chegando à seguinte conclusão:

a partir dos conceitos selecionados anteriormente, pode-se definir a competência informacional como o conjunto das competências profissionais, organizacionais e competências-chave que possam estar ligadas ao perfil de um profissional da informação ou de uma atividade baseada intensivamente em informação. Essa competência pode ser expressa pela *expertise* em lidar com o ciclo informacional, com as tecnologias da informação e com os contextos informacionais. (MIRANDA, 2004, p. 118).

Dudziak (2001, p. 143), a partir de uma concepção de *Information Literacy* voltada para o aprendizado ao longo da vida, afirma ser a *Information Literacy*

o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Nesse sentido, o objetivo da *Information Literacy* seria o de formar indivíduos que:

- Saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão;
- Conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de informação de forma efetiva e eficaz;
- Avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos;
- Usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais;
- Considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, considerando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência;
- Sejam aprendizes independentes; e
- Aprendam ao longo da vida (DUDZIAK, 2001, p. 143-146).

Partindo da noção de *Information Literacy* como um indicador de competência para a formação permanente de professores na Sociedade da Informação, Belluzzo *et al* (2004, p. 87, grifo nosso), utilizando-se de Bernhard, afirma:

Trata-se de um conjunto de atitudes referentes ao uso e domínio da informação, em quaisquer dos formatos em que se apresente, bem como das tecnologias que dão acesso à informação: capacidades, conhecimentos e atitudes relacionadas com a identificação das necessidades de informação, conhecimentos das fontes de informação, elaboração de estratégias de busca e localização da informação, avaliação da informação encontrada, sua interpretação e síntese, reformulação e comunicação – processos apoiados em uma perspectiva de solução de problemas e denominados como ***information literacy***.

Segundo os autores, por mais que o manejo de novas tecnologias da informação possa ser considerado parte do desenvolvimento da capacitação em informação, em última análise, o uso de tecnologias depende das habilidades advindas da *Information Literacy*. Nesse sentido, a *Information Literacy* está ligada, inegavelmente, ao pensamento crítico, à racionalidade humana, “ao aprendizado e à capacidade de criar significado a partir da informação, sendo uma condição indispensável que as pessoas saibam ‘aprender a aprender’ e realizem o ‘aprendizado ao longo da vida’” (BELUZZO *et al.*, 2004, p. 87).

1.1 Discussão terminológica

Information Literacy é um tópico de pesquisa ainda emergente no Brasil e no mundo. Dudziak (2001), por exemplo, ao discorrer sobre o tema, afirma categoricamente que até então não havia tradução da expressão original na língua portuguesa. Como é de se esperar de um tópico como esse, e como notado até aqui, a expressão “*Information Literacy*” ainda é traduzida de maneira plural.

Utilizando-se de Hatschbach & Olinto e de Dudziak, Santos (2011, p. 39) afirma:

apesar da rápida difusão de estudos e pesquisas sobre a competência informacional, um dos aspectos que ainda não está (sic) consolidado é a tradução do termo *information literacy*. Em países como França (*mâîtrise de l'information*), Espanha (*alfabetización informacional* - ALFIN), Portugal (*literacia informacional*), a questão terminológica encontra-se consolidada. Já no Brasil [...] a expressão ainda não possui tradução e podem ser encontrados na literatura termos como alfabetização informacional, letramento, literacia, fluência informacional, competência em informação e ainda competência informacional.

Gasque, também tratando sobre a questão da polissemia que atinge essa área de estudo, parece possuir o mesmo entendimento:

[...] na Espanha, por exemplo, usa-se frequentemente ‘Alfabetização Informacional’ – ALFIN – (MARZAL; PRADO, 2007; TIRADO, 2010) e, em Portugal, ‘Literacia da Informação’ (SILVA; MARCIAL; MARTINS, 2007; TIRADO, 2010). No Brasil, foram publicados vários artigos e pesquisas, a partir de 2000, que utilizaram expressões como ‘Information Literacy’, ‘letramento informacional’, ‘alfabetização informacional’, ‘habilidade informacional’ e ‘competência informacional’ para se referir, em geral, à mesma ideia ou grupo de ideias. (GASQUE, 2010, p. 83).

Parece possível supor que as variadas traduções da expressão “*Information Literacy*” mantêm uma relação de sinonímia entre si. Porém, na opinião da autora, “embora esses conceitos estejam relacionados, não devem ser empregados como sinônimos, na medida em que representam ações, eventos e ideias distintos” (GASQUE, 2010, p. 84).

A constatação desta variedade de ênfases terminológicas não é surpreendente, ainda mais levando-se em consideração que o mesmo ocorre com as mais diversas expressões relacionadas, também, à Educação de Usuários, que, como será visto, é prática precursora da Competência em Informação. De acordo com Caregnato (2000, p. 49),

expressões como treinamento de usuários, instrução de usuários, instrução bibliográfica, educação de usuários e desenvolvimento de habilidades informacionais são usados na literatura especializada e na prática profissional de uma forma quase indiscriminada.

Jesus Lau (2007), ao relatar a situação dos estudos e da prática relacionados a esse tema na América Latina, percebeu que não há uma expressão unificada, principalmente no que tange aos países de língua espanhola, que denote *Information Literacy*. As expressões ‘Alfabetización Informativa’, ‘Alfabetización Informacional’ e ‘Desarrollo de habilidades informativas’ têm sido utilizadas e intercambiadas em países como México e Espanha. Em outro documento, Lau (2008, p. 47) afirma as expressões “atitudes informacionais”, “capacidades informacionais”, “habilidades informacionais” e “competências informacionais” como sinônimas, não se preocupando em diferenciá-las. Em outra publicação (LAU, 2007), o autor afirma dificuldades de se usar a mesma tradução - em seu caso, Alfabetização Informacional - em qualquer contexto.

Da constatação dessa pluralidade de traduções, não somente no Brasil, mas a nível de América Latina (LAU, 2007), segue-se a tentativa de identificação das ênfases terminológicas relacionadas à temática da *Information Literacy*.

1.1.1 Alfabetização Informacional

Representada pela sigla ALFIN, a ideia de Alfabetização Informacional está atrelada às ações de leitura e escrita, sendo que em alguns casos, o fato de se entender o que está sendo lido também é fator participativo de um processo de alfabetização. De acordo com García-Moreno (2011, p. 41), “a alfabetização, o processo de formação da leitura com significado e entendimento, é a base mínima para o acesso à sociedade da informação, mas também, (sic) é necessário um processo de ‘alfabetização digital e informacional’”. Como continua a autora,

Alfabetização Informacional envolve a capacidade para trabalhar em ambientes de rede e integrar no ambiente local o que apreende nos diversos sites que visita, ou das diferentes comunidades que interage. Ser capaz de entender o que significa acesso a uma rede de comunicações, seja no trabalho, em casa, em um café ou em qualquer outro local que permita serviços de internet e quais são seus custos [...]. Mas acima de tudo, alfabetização em informação é a capacidade de um indivíduo para detectar as informações que precisa, saber as diferentes fontes de informação, distinguindo-as de acordo com sua qualidade, custo e

confiabilidade. É também a capacidade do indivíduo para localizar apreender, compreender criticamente as informações que recebe, em qualquer forma (gráfico, textual, audiovisual, etc.) e integrá-las em seu ambiente local. (GARCÍA-MORENO, 2011, p. 42-43).

Além da tradução pioneira de Caregnato (2000) do termo “*Information Literacy*” para “Alfabetização Informacional”, “muitos dos artigos publicados em periódicos brasileiros que se utilizam desta terminologia são de autores espanhóis” (SANTOS, 2011, p. 42). Já para Gasque (2012), ALFIN não seria o mesmo que *Information Literacy*, mas apenas a primeira etapa deste processo, etapa esta que, de acordo com a autora, pode ser conceituada como a “compreensão básica do ‘código de informação’, no caso, os conceitos relacionados à informação e aos seus suportes, bem como as noções de organização desses serviços e produtos” (GASQUE, 2012, p. 39).

Por mais que ALFIN seja a terminologia utilizada pelos autores nos quais baseiam-se os conceitos cunhados na metodologia deste trabalho (CUEVAS CERVERÓ; SIMEÃO, 2011; LAU, 2008), julga-se inapropriada, no contexto brasileiro, a utilização da expressão “Alfabetização Informacional”. Essa conclusão se baseia na percepção, por parte de alguns idealizadores de projetos em ALFIN, de que o termo “alfabetização” é mal compreendido por grande parte dos participantes dos programas de alfabetização informacional. Essa relutância é percebida por Jesus Lau (2007, p. 32, tradução nossa) num contexto latino-americano mais amplo:

Alfabetização Informacional significa, para muitas pessoas, a provocação de não estar apto para ler e escrever, de ser iletrado. Usuários que são graduados, professores e administradores educacionais rejeitam participar de workshops onde eles serão alfabetizados.

Para os que também compartilham do sentido “comum” do termo, alguém está sendo alfabetizado quando não sabe ler e/ou escrever, e por isso alguns poderiam sentir-se menosprezados pelo fato de serem alvo de um processo de “alfabetização”.

1.1.2 Letramento Informacional

Essa vertente é defendida no Brasil por autores como Campello (2003), Gasque (2010; 2011) e outros, que desenvolvem essa temática no contexto do ambiente escolar, com foco nos processos de aprendizagem. A primeira autora, que antes de se utilizar do termo “letramento” traduziu “*Information Literacy*” como “Competência Informacional”

(CAMPELO, 2003), afirma ser o conceito de letramento o mais adequado no embasamento de ações educativas no âmbito da biblioteca.

Gasque (2011), em sua apologia ao uso do termo “letramento”, começa afirmando que “o conceito mais próximo da derivação do inglês *“literacy”* é ‘letramento’, de uso relativamente recente no campo da pedagogia e da educação” (GASQUE, 2011, p. 30). A autora continua sua defesa demonstrando a forma como o termo “letramento” passou a ser referenciado na literatura brasileira e como ele possui similaridades com a ideia de “alfabetização”:

Ao se fazer analogia entre letramento e alfabetização no contexto da informação, a alfabetização informacional, como primeira etapa do referido processo, envolve o conhecimento básico dos suportes de informação, por exemplo, noção da organização de dicionários e enciclopédias (compreensão de conceitos relacionados às práticas de busca e uso de informação, tais como números de chamada, classificação, índice, sumário, autoria, banco de dados) e o domínio das funções básicas do computador [...]. Nesse *continuum*, o letramento informacional abrange a capacidade de buscar e usar a informação eficazmente, por exemplo, identificando palavras sinônimas no dicionário, produzindo artigo para submissão em congresso, comprando algo a partir da interpretação e sistematização de ideias ou ainda obtendo informações atualizadas e apropriadas sobre determinada doença, dentre outros. Assim sendo, **pode-se afirmar que a essência do letramento informacional consiste, grosso modo, no engajamento do sujeito nesse processo de aprendizagem, a fim de desenvolver competências e habilidades necessárias para buscar e usar a informação de modo eficiente e eficaz.** (GASQUE, 2011, p. 32-33, grifo nosso).

Por mais que não concorde com uma simples justaposição entre esses dois conceitos, a autora deixa claro que a “transposição dos conceitos de alfabetização e do letramento para o universo informacional pode auxiliar na construção do arcabouço conceitual do letramento informacional, por se tratarem de processos de aprendizagem e apresentarem convergências” (GASQUE, 2011, p. 31).

1.1.3 Competência em Informação/Competência Informacional

Essa vertente, de acordo com Santos (2011), é identificada em alguns dos trabalhos de Dudziak e nos autores que conseqüentemente compartilham da linha de pensamento da autora em questão. Santos (2011) afirma, assim como Lecardelli & Prado (2006), que, porque para Dudziak o conceito de *Information Literacy* está atrelado a uma unificação de conhecimentos (saber), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber ser)

direcionadas ao universo informacional, “a melhor terminologia que congrega esses elementos é a competência” (SANTOS, 2011, p. 40). Dudziak (2003), utilizando-se de Fleury e Fleury, afirma categoricamente que

a utilização da expressão *competência em informação* parece ser a mais adequada em função de sua definição voltar-se a *um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor...*, direcionados à informação e seu vasto universo (DUDZIAK, 2003, p. 24).

Essa concepção é claramente percebida, diz Santos (2011), na proposta de utilização da expressão “Competência em Informação” que Dudziak e Hatschbach fizeram em uma mesa-redonda sobre o tema em questão no XII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, em 2004.

Gasque (2012), por mais que assuma a polissemia da qual sofre o termo “competência”, ao cruzar informações sobre o conceito em questão, tratado tanto pelo Ministério da Educação do Brasil como pelo sociólogo suíço Phillipe Perrenoud, parece discordar da utilização de “Competência em Informação” como sinônimo de “Letramento Informacional”. Para a autora,

competência refere-se àquilo que se deseja construir e desenvolver ao longo de um processo, no caso, o de letramento informacional. Assim, propõe-se que ‘competência’ seja utilizado como expressão do ‘saber fazer’, derivada das relações entre o conhecimento que o sujeito detém, a experiência adquirida pela prática e a reflexão sobre a ação. (GASQUE, 2012, p. 36).

Ainda sobre a utilização desta terminologia, Vitorino (*apud* Santos, 2011, p. 40) ressalta:

[...] A Competência Informacional se trata de um movimento profundo, capaz de afetar o conjunto do corpo social e que por isso deve ser tratada no singular (‘competência’ e não ‘competências’) e, a partir dele, reconhecidas faces ou dimensões que a caracterizam e que se completam num movimento transformador histórico e complexo e não competências (no plural) departamentalizadas e relacionadas à visão restrita de ‘adaptação ao mercado de trabalho.

Outros autores que se utilizam das expressões “Competência em Informação” ou “Competência Informacional”: Belluzzo (2004; 2011), Hatschbach (2002), Mata (2009), Lecardelli & Prado (2006), Vitorino & Piantola (2009) e Bertúlio (2012).

1.1.4 Habilidade Informacional

Não tão expressiva como as traduções anteriores, “habilidade informacional” e suas variantes (“habilidade informativa” e “habilidades em informação”) também se encontram presentes no rol de traduções da expressão *Information Literacy*, como em Lau (2008). No Brasil, o seu uso se dá, geralmente, como uma extensão ou como um subgrupo das Competências em Informação. Gasque (2012, p. 34), por exemplo, afirma que

as habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do ‘saber fazer’. Por meio das ações e operações, elas aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova re-organização das competências. Se a competência a ser desenvolvida vincula-se ao acesso efetivo e eficiente da informação, as habilidades prováveis seriam, por exemplo, selecionar os métodos apropriados de pesquisas ou sistemas de recuperação para acessar a informação necessária, planejar estratégias de busca de informação, recuperar dados em sistemas de informação. Há, portanto, relação de subordinação entre habilidades e competências. Porém, essa relação não é linear, tampouco rígida.

Essa concepção é apresentada na estrutura do “Modelo IDEIAS de avaliação da inclusão digital e informacional” (descrito no Apêndice A). Seus idealizadores, ao tratar da categoria “Inclusão informacional”, centram sua abordagem em seis competências “derivadas da alfabetização em informação” (CUEVAS CERVERÓ *et al.*, 2011, p. 97) e destacam, como indicadores de cada uma das competências informacionais, a posse ou não de habilidades específicas.

1.1.5 Literacia Informacional

A expressão “Literacia Informacional” não é usada normalmente pelos profissionais da área de Ciência da Informação no Brasil, sendo mais utilizada pelos professores e cientistas da Europa, mais especificamente de Portugal. Sendo assim, o termo é usado por vários autores portugueses, entre eles Armando da Silva, professor do Curso de Licenciatura em Ciência da Informação da Universidade do Porto. Para Armando Silva (2008), literacia pode ser usada, sem maiores problemas, como sinônimo de letramento. Por não constar em diversos dicionários brasileiros, não se recomenda e nem há um amplo uso do termo “literacia” na literatura nacional.

1.1.6. Opção terminológica do autor: Competência em Informação

Não se pretende, com estes escritos, problematizar em alto grau a discussão sobre quais seriam as melhores atribuições semânticas e os mais indicados contextos de utilização de cada tradução de “*Information Literacy*”. Porém, entendida a pluralidade terminológica que atinge esse tópico de pesquisa, julga-se imprescindível a exposição, ainda que de modo não-extensivo, das opiniões vigentes sobre o assunto, embora sem o intuito de desmerecer qualquer uma das linhas terminológicas e conceituais expostas resumidamente até então. Como afirma Campello (2003, p. 29),

os autores brasileiros que trataram da *information literacy*, embora trabalhando em perspectivas distintas, têm em comum o fato de perceberem a necessidade de ser este o momento de se ampliar a função pedagógica da biblioteca (ou, em outras palavras, construir um novo paradigma educacional para a biblioteca) e de se repensar o papel do bibliotecário.

Alinhando-se à percepção da autora em relação ao que há de comum no trato da *Information Literacy* por parte dos autores brasileiros, optou-se, neste estudo, pelo uso da expressão “Competência em Informação” (considerando a expressão “Competência Informacional” como sua variante).

De acordo com Vitorino e Piantola (2009, p. 132), a expressão “Competência em Informação” possui “uma carga semântica mais complexa e adequada ao tratamento do tema direcionado ao profissional bibliotecário”, profissional esse que é alvo principal desta pesquisa. Além disso, utilizar-se do termo em questão harmoniza a pesquisa à Declaração de Maceió e à versão traduzida para o português da Declaração de Havana. Esta retoma “aspectos chaves do ponto de vista conceitual, filosófico e propositivo” (DECLARAÇÃO DE HAVANA, 2012) de outras declarações internacionais sobre o tema propondo quinze ações para o crescimento da Competência em Informação num contexto íbero-americano. A Declaração de Maceió, por sua vez, é o primeiro documento oficialmente publicado sobre o tema no Brasil. Ela foi formulada durante o XXIV CBBB - Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação e traz no título “Declaração de Maceió sobre a *Competência em Informação*”.

1.2 Breve histórico do movimento de Competência em Informação

O movimento de Competência em Informação surge em um contexto de re-significação da prática bibliotecária de educação de usuários, como será visto posteriormente. A expressão “Information Literacy” foi cunhada pela primeira vez pelo bibliotecário norte-americano Paul Zurkowski, o então atual presidente da *Information Industry Association*, numa proposta dirigida à *National Commission on Libraries and Information Science* (NCLS). Essa proposta, que consta no relatório “*The information service environment relationships and priorities*”, indica a necessidade de adoção, por parte dos Estados Unidos, da *Information Literacy* “como ferramenta de acesso à informação” (GASQUE, 2011, p. 26). Para Zurkowski (1974, p. 23, tradução nossa), “em nossa era de superabundância de informação, ser competente em informação [*information literate*] significa estar apto para encontrar o que é ou pode ser conhecido em qualquer assunto”. De acordo com Campello (2003), o termo “*Information Literacy*” é cunhado, já em 1976, em diferentes perspectivas - por exemplo, como um instrumento de emancipação política ou atrelado à questão de cidadania e responsabilidade social no que tange ao uso competente da informação. “Passariam ainda vários anos até que o termo fosse assimilado na sua perspectiva biblioteconômica” (CAMPELLO, 2003, p. 30).

Santos (2011), ao produzir um quadro dos principais avanços e publicações do movimento de Competência em Informação na literatura internacional, afirma que a década posterior à da proposta de Zurkowski, a década de 80, “é marcada pela influência da tecnologia de informação, a qual configurou uma ênfase instrumental e restrita da *information literacy*” (SANTOS, 2011, p. 33, grifo nosso). Alguns fatos que, para a autora, são fundamentais para o entendimento do movimento nessa década:

- Relatório oficial da *National Commission on Excellence in Education*, com o título “*A Nation at Risk: the imperative for educational reform. A report to the Nation and Secretary of Education*”. Publicado em 1983, este documento gerou revolta na classe bibliotecária pois ignorou completamente o papel educacional das bibliotecas. De acordo com Campello (2003, p. 31), “os bibliotecários reagiram energicamente, manifestando-se por meio de uma profusão de publicações, em que tentavam explicitar o papel que a biblioteca tinha a desempenhar no esforço de formar a comunidade de aprendizagem proposta em *A Nation at Risk*”;

- Simpósio “*Libraries and the Search for Academic Excellence*”, realizado em 1987 pelas universidades de Columbia e Colorado. De acordo com Santos (2011), este simpósio fortaleceu a relação entre *information literacy*, educação e bibliotecas;
- Publicação do documento “*Presential Committee on information literacy: final report*” pela ALA. Esse documento apresenta uma das definições mais populares, envolvendo as seguintes variáveis da Competência em Informação: reconhecer necessidades de informação, localizar, avaliar e usar efetivamente as informações, aprender a aprender.

Santos (2011) continua sua exposição do desenvolvimento histórico do conceito em voga afirmando ter sido a década de 90 “uma época marcada pela busca de fundamentação teórica e metodológica para *Informational Literacy*, com a implementação de diversos programas educacionais em todo o mundo e o estabelecimento de várias organizações” (SANTOS, 2011, p. 34). A Competência em Informação alcançaria dimensões universais devido a fatos pontuais como: o anúncio do ano de 1990 como o *International Literacy Year* pela Assembleia Geral das Nações Unidas; a criação, em 1997, do *Institute for Information Literacy* da ALA-ACRL e a publicação, em 1998, do livro “*Information Power*”, que de acordo com Campello (2003, p. 31) “pode ser considerado o documento que concretiza a assimilação do conceito de competência informacional pela classe bibliotecária”. Além dessas publicações, o relatório da ALA intitulado “*A progress report on information literacy: an update on the American Library Association Presential Committee on Information Literacy: final report*” também merece destaque.

A autora finaliza sua descrição histórica do movimento em questão afirmando serem a Competência em Informação e o aprendizado ao longo da vida “os faróis da Sociedade da Informação” (SANTOS, 2011, p. 36). Tais práticas estariam adentrando o século XXI como temas fundamentais a serem desenvolvidos pela Biblioteconomia, tanto em âmbito nacional como internacional.

1.3 Competência em Informação e sua assimilação biblioteconômica

Como observado até então, a prática da Competência em Informação surge antes

mesmo de sua utilização numa perspectiva ligada a bibliotecas e centros de documentação. Porém, com seu crescimento e expansão, a Competência, por causa de sua similaridade com práticas habitualmente biblioteconômicas, alcançou notoriedade, também, em meio às instituições de ensino e pesquisa. Isso pode ser notado na progressiva assimilação, por parte dos serviços de instrução bibliográfica, do ensino e da prática da Competência em Informação.

Mata (2009), dissertando sobre a competência informacional de graduandos de Biblioteconomia da região sudeste, começa sua fundamentação sobre o que de fato seriam os antecedentes da Competência recorrendo à “Educação de usuários” como sua fundamental precursora. Utilizando-se de Belluzzo, a autora afirma que a prática de “Educação de Usuários”, que surgiu em meados do século XVIII em ambiente acadêmico, se tornou relevante para os profissionais da Biblioteconomia quando estes perceberam uma defasagem no ensino básico dado até então. Tal defasagem foi explicitada na conclusão, por parte dos bibliotecários, de que essa educação não proporcionava aos possíveis usuários da biblioteca uma formação suficientemente adequada para que estes realizassem suas pesquisas bibliográficas. A autora, mais uma vez se utilizando de Belluzzo, afirma que esta atividade tornou-se presente no Brasil somente em meados da década de 50, inicialmente voltada para instituições de educação superior como a Universidade de São Paulo (USP), entidade pioneira em orientação bibliográfica no país.

A partir da criação, no ano de 1970, de comitês e grupos de estudo sobre o tema “Educação de usuários”, nos Estados Unidos, esse tipo de estudo torna-se, afirma Pasquarelli (1996), popular em países expressivos como Canadá e Inglaterra. Não somente popular, torna-se uma essencial atividade no cotidiano de bibliotecas universitárias e de cursos de instrução bibliográfica a estudantes. É exatamente nesse período, de acordo com Campelo (2006), que surge um novo movimento de práticas informacionais e pedagógicas que, mediante a substancial necessidade da legitimação do papel educacional do bibliotecário, se revelaria como um novo, ou como a remodelagem de um já tradicional, campo de trabalho biblioteconômico. Tal perspectiva seria, exatamente, a Competência em Informação.

A similaridade existente entre os temas “Educação de usuários” e “Competências em Informação” é perceptível, inicialmente, de acordo com Mata (2009), na forma como tais atividades se condicionaram temporalmente:

o fato de que a classe bibliotecária brasileira tenha começado a interessar-se pela educação de usuários bastante tardiamente, décadas depois que outros países, explica o motivo pelo qual a preocupação com a competência informacional surgiu apenas nos dias de hoje no país. (MATA, 2009, p. 25).

Para a autora, a lenta inserção da educação de usuários na agenda bibliotecária brasileira se perpetua na intrincada familiarização desta classe com o tema “Competências em Informação”. Como se sabe, a ênfase nas habilidades de uso e busca da informação, presente tanto na antiga educação como no novo programa de competências, não surgiu de imediato na mentalidade bibliotecária nacional. Logo, seria de se esperar que o desenvolvimento transdisciplinar desta ênfase, desenvolvimento este uma das características peculiares desta nova perspectiva, levasse tempo para criar raízes na reflexão e na práxis bibliotecária brasileira. Essa afirmação é coadunante com o fato de que “os estudos produzidos no Brasil sobre o tema iniciam-se apenas a partir de 2000” (GASQUE, 2012, p. 28).

Por mais que revelem entre si características em comum, existem diferenças cruciais entre essas duas áreas de pesquisa. “A educação de usuários tem, efetivamente, sua origem e ênfase na biblioteca. É produto de bibliotecários que, preocupados com seus usuários, procuram formas de auxiliá-los em sua busca pela informação” (DUDZIAK, 2001, p. 58). Assim, quando se fala da prática de educação de usuários, torna-se indispensável a menção da biblioteca e de suas ferramentas como, respectivamente, contexto e alvos de aprendizado. Diferentemente, a Competência em Informação tem como meta tratar de uma prática que abrange

as fontes de informação disponíveis em diversos suportes e armazenadas em variados ambientes, (que) leva em conta habilidades e atitudes que os indivíduos podem passar a ter no uso da informação, agregando aspectos de sua formação e do seu aprendizado. (MATA, 2009, p. 25).

A Competência em Informação, portanto, transcende os limites da Biblioteconomia, da biblioteca e do centro de documentação e passa a ser peça fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos integrantes da Sociedade da Informação. Nas palavras de Miranda (2004, p. 118), “a competência informacional mobilizada em situações de trabalho pode ser vista como um dos requisitos do perfil profissional necessário para trabalhar com a informação, não importando o tipo de profissional ou de atividade”.

2 A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO

Vivemos na “Era da Informação”, “uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais” (TAKAHASHI, 2000, p. 3). Dessa era urge um fenômeno global pautado em novos paradigmas técnico-econômicos, sociais e políticos: o advento da Sociedade da Informação, denominada, também, “Sociedade do Conhecimento “ou” Sociedade do Aprendizado”.

[...] Em sentido mais amplo, a evolução da sociedade da informação está em aceleração, sendo claramente visível na Europa, nos Estados Unidos e na orla do Pacífico. Os papéis econômico e social de toda e qualquer atividade de informação estão se tornando mais e mais pronunciados; sua importância estratégica ultrapassa o nível da cooperação regional e global, em direção ao desenvolvimento nacional e ao progresso social, bem como em direção aos avanços organizacionais e vantagens competitivas. (SARACEVIC, 1996, p. 54).

Castells (2009, p. 108-109), numa tentativa de destacar os aspectos centrais do que ele chama de “paradigma da tecnologia da informação”, aponta os aspectos que representariam a base material da Sociedade da Informação:

1. **A informação é sua matéria prima:** são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores;
2. **A penetrabilidade das novas tecnologias:** como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico;
3. **Predomínio da lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações:** a morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo de interação. Essa configuração topológica, a rede, agora pode ser implementada materialmente em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias da informação;
4. **Flexibilidade:** não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes;
5. **Crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado:** as trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguir em separado. Assim, a microeletrônica, as telecomunicações, a optoeletrônica e os computadores são todos integrados no sistema de informação.

Entre as características principais da Sociedade da Informação, estão, portanto, a

expansão das indústrias relacionadas com informação, a aplicação das tecnologias de informação e comunicação como fonte principal de crescimento econômico, e a consolidação das ocupações e atividades relacionadas ao fluxo de informação, seja a nível de criação, processamento, disseminação ou recuperação (APARÍCIO, 2006). Nesse advento, “a economia e a própria sociedade crescem e desenvolvem-se em redor da informação, que passa a constituir o núcleo central da nova sociedade” (APARÍCIO, 2006, p. 28).

Torna-se cada vez mais habitual a afirmação de que nesta era, com a crescente produção, divulgação e valorização do conhecimento, é imprescindível a capacitação no que tange à lida com tamanha e tão diversa gama de informações. De acordo com o Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil,

educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas de seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar os indivíduos para ‘aprender a aprender’, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica. (TAKAHASHI, 2000, p.45).

Tendo isso em vista, a Competência em Informação possui importância fundamental para os indivíduos que participam da dinâmica social contemporânea, já que a ideia de Sociedade da Informação é uma das noções em torno das quais o conceito de Competência em Informação foi construído (CAMPELLO, 2009). Para Bruce (*apud* Dudziak, 2001, p. 54):

a gênese da *Information Literacy* advém da necessidade bem real de “sobreviver” a essa realidade, tal qual um “consumidor de informação” mergulhado num rápido e mutante universo de informações caracterizado pela (sic) crescimento exponencial de informações disponibilizadas, pelas mudanças da tecnologia da informação e na comunicação.

Como bem perceberam Belluzzo e Kerbauy (2004, p. 131),

a *information literacy* trata das habilidades fundamentais para que as pessoas obtenham sucesso na Sociedade da Informação e do Conhecimento, permitindo-lhes realizar uma aprendizagem de maneira autônoma em diversos aspectos da vida. Tais habilidades não são apenas úteis em atividades acadêmicas e escolares, mas aplicáveis a todas as situações de resolução de um

problema ligado à necessidade de informação.

A Competência em Informação, de fato, “constitui uma capacidade essencial, necessária aos cidadãos para se adaptarem à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento” (KONG *et al. apud* CAMPELLO, 2009, p. 69). Ao entender, portanto, a Sociedade da Informação como fomentadora de uma nova cultura tecno-informacional, que re-significa valores, organizações e identidades de atores e instituições sociais num contexto em rede, a afirmação de que a Competência em Informação é uma exigência para o indivíduo contemporâneo não seria exagero.

2.1 Universidade e biblioteca: integração da Competência em um ambiente acadêmico

No contexto descrito até então, a saber, a Sociedade da Informação e suas demandas, a universidade se adequa às modificações socio-culturais a fim de fazer permanecer legítimo seu papel de criadora, curadora e formadora de conhecimento. Não somente isso: a universidade também se torna responsável por preparar os seus integrantes para os desafios científicos, profissionais e interpessoais que surgem da atual conjuntura. De acordo com o preâmbulo da Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI, da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO,

a educação superior tem dado ampla prova de sua viabilidade no decorrer dos séculos e de sua habilidade para se transformar e induzir mudanças e progressos na sociedade. Devido ao escopo e ritmo destas transformações, a sociedade tende paulatinamente a transformar-se em uma sociedade do conhecimento, de modo que a educação superior e a pesquisa atuam agora como componentes essenciais do desenvolvimento cultural e socioeconômico de indivíduos, comunidades e nações. **A própria educação superior é confrontada, portanto, com desafios consideráveis e tem de proceder à mais radical mudança e renovação que porventura lhe tenha sido exigido empreender [...]** (UNESCO, 1998, grifo nosso).

A Declaração continua afirmando ser necessária a preservação da missão que a Universidade possui de contribuir para a melhoria da sociedade como um todo, a fim de, entre outras coisas,

formar pessoas altamente qualificadas, cidadãs e cidadãos responsáveis,

capazes de atender às necessidades de todos os aspectos da atividade humana, oferecendo-lhes qualificações relevantes [...] nas quais sejam combinados conhecimentos teóricos e práticos de alto nível mediante cursos e programas **que se adaptem constantemente às necessidades presentes e futuras da sociedade.** (UNESCO, 1998, grifo nosso).

Ter em vista as necessidades presentes e futuras da atual sociedade é, portanto, uma atribuição dessa instituição que deve imprimir forças em suas frentes de pesquisa, ensino e extensão para atingir as finalidades que justificam a sua existência:

- I** - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II** - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III** - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV** - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V** - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI** - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII** - promover a extensão, aberta à participação da população, visando a difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (BRASIL, 1996).

Dada a conjuntura da “explosão informacional”, resta à Universidade, portanto, munir-se de ferramentas e práticas científicas e pedagógicas, para fomentar a capacitação em informação em seus integrantes, sejam eles alunos, professores ou servidores. Essa afirmação vai ao encontro do entendimento da ACRL sobre a centralidade do aprendizado ao longo da vida para missão das Universidades:

Desenvolver o aprendizado ao longo da vida é central para a missão das instituições de ensino superior. Ao assegurar que os indivíduos tenham as habilidades intelectuais de raciocínio e pensamento crítico, e ajudando-os a construir uma estrutura para aprender a aprender, faculdades e universidades provêm o fundamento para o crescimento contínuo ao longo de suas carreiras, e também em seus papéis como cidadãos informados e membros das comunidades. (ACRL, 2000, *online*, tradução nossa).

A prática universitária de fomento à capacitação informacional está totalmente atrelada ao que foi dito no Colóquio em Nível Superior sobre Competência Informacional

e Aprendizado ao longo da vida, realizado na Biblioteca de Alexandria, de 6 a 9 de novembro de 2005:

A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. Ele capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações. O aprendizado de toda a vida prepara os indivíduos, as comunidades e as nações a atingir suas metas e a aproveitar as oportunidades que surgem no ambiente global em evolução para um benefício compartilhado. Auxilia-os e suas instituições a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter a desvantagem e incrementar o bem estar de todos. (COLÓQUIO, 2005).

Aqui, percebe-se claramente que a matéria prima da sociedade atual coincide, em algum nível, com o insumo que move a Universidade: “se o conhecimento ocupa hoje lugar central nos processos que configuram a sociedade contemporânea, as instituições que trabalham com e sobre o conhecimento participam também dessa centralidade” (BERNHEIM; CHAUI, 2008, p. 17). Com isso, fica claro que a interseção entre “Universidade” e “Competência em Informação”, tendo como fundo de atuação a Sociedade da Informação, revela-se como parte fundamental de um modelo plausível de atuação que tenha por finalidade “acelerar o processo de articulação efetiva de um programa nacional para a sociedade da informação” (TAKAHASHI, 2000, p. 5).

2.1.1 Competência em Informação e biblioteca universitária

Como dito anteriormente, entende-se que a Competência em Informação transcende os limites da biblioteca. Ela, a Competência, se apresenta, afirmam alguns, como o farol da Sociedade da Informação. Seria por demais pretensiosa a tentativa de transformar a biblioteca no único motor desse luzeiro! Analogias à parte, seria precipitada, por outro lado, a afirmação de que a biblioteca perderia sua relevância nessa nova organização social. Pelo contrário: “neste cenário [Sociedade da Informação], a *information literacy* ganha cada vez mais espaço e transforma-se no principal propósito de bibliotecas e bibliotecários, particularmente no ensino universitário” (DUDZIAK, 2003, p. 31, grifo do autor).

Como a biblioteca é ou deveria ser um dos meios utilizados pelos estabelecimentos de ensino para atingir suas finalidades, ambos devem andar

pari pasu e, à medida que o ensino vai se renovando, ela deve estar preparada para acompanhá-lo, quando não, ir mesmo à frente, provocando a adoção de novos métodos pedagógicos, a criação de novos hábitos, a formação de novas atitudes em relação aos livros, ao estudo e à pesquisa. (FERREIRA, 1980, p. 6).

A percepção de Ferreira (1980), ainda que não focada diretamente na Competência em Informação ou nos parâmetros da Sociedade da Informação, vai ao encontro do que a ALA afirmou ainda na mesma década: “bibliotecas, que fornecem um significativo ponto de acesso público à informação, geralmente a nenhum custo, **devem desempenhar um papel chave no preparo de pessoas para as demandas da atual sociedade da informação**” (ALA, 1989, *online*, tradução nossa, grifo nosso). Essa similaridade pode ser percebida na capacidade de adaptação e protagonismo em novos contextos socio-educacionais atribuída à biblioteca. Nesse sentido, seja qual for a organização social vigente e suas consequências para a educação, a biblioteca responderia, presume Ferreira (1980), à altura aos novos desafios. Não seria viável, portanto, a Competência em Informação ser vista como uma possibilidade legítima e relevante de reação, por parte da biblioteca, aos desafios da Sociedade da Informação?

Cavalcante (2006) responderia positivamente a essa indagação considerando, em sua resposta, a problemática da biblioteca universitária. Essa instituição desempenharia um papel primordial no processo de capacitação em informação, e, por isso, poderia ser apontada como potencializadora do desenvolvimento de Competência em Informação na academia:

as bibliotecas universitárias possuem papel de excelência na formação acadêmica para a competência no uso de informação, pois, notadamente, o universo do conhecimento e dos processos de pesquisa passam, necessariamente, pelo mundo da documentação. Isto implica também na capacitação profissional do bibliotecário para lidar com a variedade de suportes, tipos de informação e modos de acesso, transferência, pesquisa, fontes, usos e treinamento de usuário. Outros fatores a serem considerados são a responsabilidade e o compromisso da instituição com investimentos em tecnologia, fontes e recursos visando a aprendizagem e formação profissional no quesito das habilidades informacionais. (CAVALCANTE, 2006, p. 56).

Outra autora que responderia positivamente à indagação seria Hatschbach (2002). Partindo do entendimento da Competência em Informação como uma área interdisciplinar, “que oferece um caminho aberto a ser percorrido no Brasil” (HATSCHBACH, 2002, p. 97), a autora propõe ações a serem desenvolvidas nesse sentido. Por mais que tenha verificado a multiplicidade de oportunidades que essa área

possibilita não somente aos profissionais de informação, a autora reafirma a necessidade de um “estímulo à utilização da biblioteca universitária como unidade de **integração, geração e difusão** de ações” (HATSCHBACH, 2002, p. 97, grifo nosso).

Ao discutir sobre ações para incorporação da Competência em Informação no currículo de instituições de educação superior, o documento “*Information Literacy Competence Standards for Higher Education*” aponta a necessidade de um trabalho colaborativo que envolva faculdades, administradores e bibliotecas universitárias. Nessa proposta, cada “setor” teria responsabilidades específicas: a faculdade teria o papel de estabelecer um contexto de aprendizado por meio de aulas e discussões que “inspirem os estudantes a explorar o desconhecido” (ACRL, 2000, p. 4); a biblioteca coordenaria a avaliação e a seleção de recursos intelectuais para programas e serviços, organizaria e manteria coleções e vários pontos de acesso à informação, e proveria instrução para estudantes e faculdades em busca de informação; e os administradores, por sua vez, criariam oportunidades de colaboração e desenvolvimento de pessoal entre as faculdades, bibliotecas e outros profissionais que iniciariam programas de Competência em Informação, liderando seu planejamento e manutenção financeira, e realocando recursos para sustento de programas em andamento.

A necessidade desse vínculo também é apontada por Dudziak (2001, p. 131): “a cooperação entre administradores, bibliotecários, docentes e técnicos é uma das premissas para que se desenvolvam programas educacionais voltados para a *Information Literacy*”.

Em suma, a biblioteca universitária, como mediadora de conhecimento, torna-se, por sua própria estrutura funcional e instrumental, um possível pólo de desenvolvimento de habilidades e competências em informação. Como enfatiza Ferreira (1980), seu acervo de fontes de informação é capaz de dar suporte ao ensino, à pesquisa, à pós-graduação e à extensão universitária. Além disso, a própria capacidade de adaptação de suas finalidades aos desafios propostos pelas novas funções do ensino superior num contexto de valorização da informação implicaria numa ampliação de seus serviços bibliotecários. A habilitação em Competência em Informação seria mais um, senão o principal, desses novos serviços.

3 BIBLIOTECÁRIO UNIVERSITÁRIO COMO MULTIPLICADOR

3.1 Quem é o bibliotecário?

Conforme Fonseca (2007), o substantivo bibliotecário vem do latim *bibliothecarius*. “O sufixo *ario* forma outros substantivos de cunho erudito, com várias noções básicas, como, no caso de *bibliotecário*, a pessoa que exerce uma atividade em *biblioteca*” (FONSECA, 2007, p. 91). O Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 53) aponta diversas definições do que seria um bibliotecário, entre elas:

1. Profissional que tem a seu cargo a direção, conservação, organização e funcionamento de bibliotecas.
2. Profissional que: a) desempenha funções técnicas ou administrativas em bibliotecas; b) lida com documentos de todos os tipos (p.ex.: livros, periódicos, relatórios, materiais não-impresos) com base na especificação de seu conteúdo temático e a serviço de uma variedade de usuários, desde crianças até cientistas e pesquisadores.

Para o Conselho Regional de Biblioteconomia - 14^a Região,

o bibliotecário é um profissional de nível superior que atua no mercado de trabalho com uma visão ampla e objetiva da sociedade e de seus variados segmentos. [...] (é) capaz de atuar em qualquer função que vise a organização e obtenção de informações e como gestor da informação e do conhecimento para atender às necessidades de informação da sociedade. (CRB - 14^a REGIÃO, *online*).

Além disso, para o Conselho (CRB - 14^a Região, *online*), “o bibliotecário economiza tempo e recursos para seus clientes, colocando ao seu alcance informações já selecionadas, precisas e de fundamental importância para o sucesso das organizações”, estando habilitado para:

- Planejamento de serviços biblioteconômicos;
- Planejamento físico de bibliotecas, centros de documentação e informação;
- Organização de acervos (bibliográficos ou não);
- Serviços técnicos e administrativos ligados à documentação;
- Assessoria, consultoria, ensino, fiscalização técnica, normalização de documentos, análise de trabalhos técnicos e científicos;
- Organização de bases de dados virtuais e intranets;
- Documentação para processos de certificação de qualidade;
- Avaliação de conteúdo da Internet, entre outras.

Segundo Eggert e Martins, “o bibliotecário tem como base de seu trabalho, (sic) a **informação** e as técnicas de organização e **disseminação** deste insumo, tornando-se um filtrador e mediador da informação nas diferentes sociedades (EGGERT; MARTINS, 1996, p. 46, grifo do autor).

No Brasil, “bibliotecário” é a designação oficial dos bacharéis em Biblioteconomia nos termos da Lei nº 4084, de 30/06/1962, sendo que, para exercício da profissão, esse bacharel deve estar registrado no conselho de biblioteconomia da região onde trabalha (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

3.1.1 A missão do bibliotecário

De acordo com Edson Nery da Fonseca (2007, p. 92), “ninguém escreveu melhor e mais profundamente sobre este assunto do que o pensador espanhol José Ortega y Gasset (1833-1955)”. O metafísico espanhol identificou na missão do bibliotecário três momentos históricos nos quais seu trabalho “variou sempre em função, rigorosamente, do que o livro significava como necessidade social” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 16), os quais sejam o Renascimento, o século XIX e a contemporaneidade.

A figura humana do bibliotecário esboça-se, afirma o autor, no começo do Renascimento, quando, pela primeira vez, o livro, no sentido mais estrito da palavra, é sentido socialmente como necessidade, como vigência social:

a necessidade social do livro consiste nessa época na necessidade de que haja livros, porque são poucos. A este tipo de necessidade corresponde a figura daqueles geniais bibliotecários renascentistas, que são grandes caçadores de livros, astutos e tenazes. A catalogação não é ainda urgente. A aquisição e a produção de livros, em compensação, adquirem traços de heroísmo. Estamos no século XV. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 20-21).

Saltando três séculos e detendo-se em 1800, Ortega y Gasset aponta o que aconteceu com os livros e com os bibliotecários em um período de vasta publicação e barateamento da impressão:

Já não se sente que haja poucos livros. São tantos os que existem que se sente a necessidade de catalogá-los. Isso quanto à sua materialidade. Quanto ao seu conteúdo, a necessidade sentida pela sociedade também mudou. Boa parte das esperanças depositadas nos livros parece cumprida. No mundo existe agora o que antes não havia: as ciências da natureza e do passado, os conhecimentos técnicos. Agora se sente a necessidade não de buscar livros - isso deixou de ser

um problema real -, mas de promover a leitura e buscar leitores. E, de fato, nessa etapa as bibliotecas se multiplicam e com elas os bibliotecários. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 21-22).

É a valorização do livro como apoio do todo social, embalado pelo pensamento moderno que volatiliza as entidades tradicionais e carismáticas, que fez surgir o fenômeno das enormes tiragens, por volta de 1840. Com isso, a cultura torna-se razão de Estado, o livro tem sua função pública reconhecida e a profissão de bibliotecário converte-se em burocracia (ORTEGA Y GASSET, 2006).

“Tudo o que o homem inventa e cria para facilitar-lhe a vida, tudo que chamamos civilização e cultura, chega a um ponto em que se rebela contra ele” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 31). Essa percepção do autor leva ao entendimento da vigência social do livro e a missão do bibliotecário na contemporaneidade. Hoje, constata Ortega, o livro não é revogável ou meramente desejável; ele é essencial e necessário, e “o simples caráter de ser imprescindível faz com que nos sintamos escravizados a isso” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 35-36).

Para o autor, assim como hoje o homem corre o risco de tornar-se escravo de sua própria ciência, o livro, em vez de ser um desejo, corre o risco, e já chegou ao ponto, de tornar-se um peso para o seu criador: “o próprio homem de ciência adverte que uma das grandes dificuldades de seu trabalho está em orientar-se na bibliografia de seu tema” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 34). Esses atributos negativos que o livro assume agora são, pensa Ortega, desafiadores:

Não esqueçais que sempre, quando um instrumento criado pelo homem se revolta contra ele, a sociedade, por sua vez, se revolta contra aquela criação, duvida de sua eficácia, sente antipatia por ela e exige que cumpra sua primitiva missão de pura facilidade. Temos, pois, uma situação dramática: o livro é imprescindível nesta etapa da história, mas o livro corre perigo porque se tornou um perigo para o homem. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 34).

É nesse contexto que a profissão do bibliotecário inicia sua idade madura, sua nova missão, superior a todas as anteriores: “até hoje ela tem se ocupado principalmente do livro como coisa, como objeto material. A partir de hoje terá que cuidar do livro como função viva: terá de exercer a polícia do livro e tornar-se domador do livro enfurecido” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 39). Assim, tendo em vista o demasiado número de livros e a abundância torrencial na qual são produzidos, “o bibliotecário do futuro terá que orientar o leitor não especializado na *selva selvaggia*”

(ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 45), “como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 46).

É evidente que a missão do bibliotecário, hoje, não pode ser categorizada de maneira coerente se não se levar em consideração o desenvolvimento tecnológico que fomentou o aparecimento da Sociedade da Informação, e a influência dessas transformações sociais na concepção das funções básicas da biblioteca e do trabalho biblioteconômico. A constatação de que o profissional bibliotecário não encontra apenas no livro seu material principal de atuação, mas sim na informação em seus múltiplos aspectos, expande ainda mais o entendimento da missão bibliotecária cunhado por Ortega. A torrente mudou, mas ainda é torrente. Nesse sentido, cabe ao bibliotecário, à luz do que foi dito por Ortega y Gasset, orientar o leitor não especializado num “mar” permeado não só por livros, periódicos e enciclopédias, mas por informação, esteja ela disposta em meios materiais ou virtuais.

3.1.2 O bibliotecário, a sociedade da informação e as novas tecnologias

O bibliotecário contemporâneo teve seu perfil, funções e atuação modificados e modernizados com o passar dos anos. A modificação de paradigmas profissionais advinda das novas tecnologias e da Sociedade da Informação é tão latente que, “com o advento da internet e com o enorme progresso das bibliotecas digitais, apareceu na literatura em língua inglesa o termo *cybrarian* (bibliotecário cibernético), para indicar aquele que trabalha com essas novas tecnologias” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 53, grifo do autor). Há quem diga que, pelo fato de a atuação desse profissional não se resumir apenas ao contexto de bibliotecas e unidades de informação, o bibliotecário seria melhor nomeado como “profissional da informação”. Segundo Dutra e Carvalho (2006, p. 183-184), “o profissional da informação atua na coleta, tratamento, recuperação e disseminação da informação e executa atividades técnicas especializadas e administrativas relacionadas à rotina de unidades de informação”. Como afirmam os autores,

tradicionalmente, o bibliotecário é visto como um sistematizador de acervos; como aquele que está por trás da organização das unidades de informação, dos processos de busca e recuperação de informações e como o profissional da informação que atua como filtro, catalisando tudo o que for relevante sobre determinado assunto para o seu usuário. Com o surgimento das novas

tecnologias da informação e da comunicação, da evolução editorial e da explosão documental, os usuários passaram a buscar e necessitar de um uso seletivo da informação. Paralelamente a isto, ocorrem mudanças no contexto social no que concerne à crescente necessidade de informação para as várias áreas da atuação humana. Hoje, porém, atua num novo contexto, no qual dispõe de novas ferramentas e, com isso, de novas possibilidades para desempenhar suas funções. (DUTRA e CARVALHO, 2006, p. 183-184).

De acordo com Borges (2004), algumas características da Sociedade da Informação interferem diretamente na atuação do profissional da informação. Sendo assim, esse profissional deve observar e compreender várias questões para que alcance a atuação competente exigida pelo mercado. Dentre elas:

- a informação é um produto, um bem comercial;
- o saber é um fato econômico;
- a distância e o tempo entre a fonte de informação e o seu destinatário deixaram de ter qualquer importância. As pessoas não precisam se deslocar porque são os dados que viajam;
- as tecnologias de informação e de comunicação alteraram a noção de valor agregado à informação e interferiram no ciclo informativo tanto do ponto de vista dos processos e das atividades, como da gestão e dos custos;
- o processamento automático da informação realiza-se em alta velocidade;
- a armazenagem de dados utiliza memórias com grande capacidade;
- a recuperação da informação conta com estratégias de busca automatizadas mais eficientes e relevantes, possibilitando acesso às informações armazenadas em bases de dados, em vários locais ou instituições;
- o usuário da informação pode ser também o produtor ou gerador da informação, além de ser também o seu controlador;
- o monitoramento e avaliação do uso da informação são reforçados e facilitados, e tornaram-se mais rápidos, menos onerosos, mais consistentes e confiáveis. (BORGES, 2004, p. 59).

Tendo isso como pano de fundo da atuação e da preparação dos novos bibliotecários, Borges (2004) afirma que o profissional da informação que agora é requerido pelo mercado precisa, além de uma consistente formação técnica voltada para clientes e para eficiência nos serviços públicos, de competência para interagir com o mundo atual do trabalho e integrar-se organizacionalmente em equipe. Tudo isso somado a um esforço de educação continuada e aprendizado autônomo.

Dudziak (2001), tratando sobre o papel do bibliotecário, constatou que esse tem se modificado segundo três enfoques: o bibliotecário como intermediário da informação, como mediador do conhecimento e como educador.

Historicamente, o bibliotecário “assumiu o papel de organizador e localizador de informações e recursos, muitas vezes sem levar em conta o contexto que o cercava” (DUDZIAK, 2001, p. 121). Em sua atuação, “primariamente, considerava como universo

informacional apenas a biblioteca, seja a partir de sua organização, seja a partir de instruções sobre seu uso e de seus recursos” (DUDZIAK, 2001, p. 121). Segundo a autora, “com o advento da Sociedade da Infomação o contexto informacional e de atuação do bibliotecário se modificaram, se expandindo e diversificando” (DUDZIAK, 2001, p. 121). Nesse sentido, em vez de desaparecer, esse novo profissional adaptou-se em função do quadro de mudanças tecnológicas, apresentando-se como um intermediário da informação.

O bibliotecário como intermediário da informação realiza a conexão entre informação e usuário lançando mão de “todos os procedimentos intelectivos e técnicos necessários à seleção, aquisição, organização, disponibilização e recuperação de informações requeridas pelos usuários” (DUDZIAK, 2001, p. 121). Segundo essa visão, “o papel do bibliotecário não se distancia muito do paradigma tradicional/historicamente construído, exceto pelo aporte tecnológico” (DUDZIAK, 2001, p. 122).

Diante da expansão do número de fontes e recursos de informação, o foco apenas no simples acesso não era mais suficiente, pensa a autora: “tornava-se necessário buscar formas, processos que permitissem filtrar toda esta informação disponível: avaliação crítica, critérios de relevância, pertinência, interpretação, organização, etc.” (DUDZIAK, 2001, p. 123). Com isso, o foco que antes era direcionado aos sistemas foi se alterando em direção às pessoas e suas necessidades cognitivas. A partir desse enfoque, os processos de busca de informação para satisfação de necessidades dos usuários passam a ser mais enfatizados. Nas palavras de Dudziak (2001, p. 124), “a ênfase nos processos de busca da informação para construção de conhecimento altera o foco do trabalho bibliotecário, anteriormente direcionado às fontes e recursos de informação”. Agora, além de intermediário, o bibliotecário assume o papel de mediador do conhecimento, e passa adquirir importância em sua intervenção, auxílio e mediação nos processos de busca da informação.

O terceiro e mais abrangente enfoque no qual o papel do bibliotecário se detém no contexto analisado até então, de acordo com Dudziak (2001), é o do bibliotecário como educador. Esse enfoque seria a complementação da visão do bibliotecário como mediador de conhecimento ressaltado o trinômio habilidade, conhecimentos e valores: a “verdadeira mediação educacional ocorre quando o bibliotecário convence o aprendiz de sua própria competência, incutindo-lhe auto-confiança para continuar o aprendizado, transformando-o num aprendiz autônomo e independente” (DUDZIAK, 2001, p. 129).

Percebe-se, portanto, na mudança de enfoques que permearam a profissão do bibliotecário durante a história desse ofício, que Ortega y Gasset é pertinente em sua afirmação:

[...] para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir não do homem que a exerce, de seus gostos, curiosidades ou conveniências, tampouco de um ideal abstrato que pretendesse definir de uma vez por todas o que é uma biblioteca, mas da necessidade social a que serve a vossa profissão. E esta necessidade, como tudo o que é propriamente humano, não consiste em uma magnitude fixa, mas é, essencialmente, variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 16).

Caminha a história, modificam-se os paradigmas e o bibliotecário se mantém, não como um ideal imóvel, mas como um profissional adaptável aos desafios que surgem dos mais diversos contextos onde ele se insere.

3.2 O bibliotecário universitário

O bibliotecário universitário, de acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p. 55), “trabalha ou dirige uma biblioteca universitária”. De acordo com Luís Milanesi, professor de Biblioteconomia na Universidade de São Paulo - USP,

o profissional para atuar em serviços de informação para a universidade está entre aquele que atua na área escolar e o que trabalha em grupos especializados de pesquisa. Se por um lado ele deve conhecer a área para poder organizar as informações com segurança e precisão, por outro, ele deve dar assistência aos que desenvolvem pesquisas iniciais para as várias disciplinas que constituem o currículo. (MILANESI, 2002, p. 67).

Para o autor, o bibliotecário universitário é o especialista que possibilita o acesso à especialidade. Por isso, “aquele que atua, por exemplo, numa faculdade de Medicina ou de Música deve ter domínio da área para poder dialogar com os pesquisadores e, principalmente, tornar mais acessíveis para os iniciantes os caminhos do saber médico ou musical” (MILANESI, 2002, p. 67).

Pontes e Válio (1998, p. 49), tratando sobre a formação e a atuação do bibliotecário universitário, afirmam que este profissional,

quando escolhe atuar na universidade o faz (crê-se) movido pelo gosto à vida acadêmica, por querer ser parte integrante do ensino/aprendizagem, por valorizar sobremaneira o papel da biblioteca na educação e na cultura, nessa instância do sistema educacional, bem como a responsabilidade de zelar para

que seus usuários usufruam de forma efetiva dos seus materiais informacionais.

De acordo com as autoras, para que o bibliotecário alcance uma influência benéfica e exitosa na formação acadêmica de seu usuário, ele deve ser conscientizado “para o prazer, a compreensão e a importância do ato de ler, tanto na sua vida pessoal como em sociedade” (PONTES; VÁLIO, 1998, p. 51). Nesse sentido, o bibliotecário universitário é, antes de tudo, um leitor, um entusiasta da leitura, que domina sua área de atuação e facilita a trajetória de busca e uso da informação de seus usuários.

3.2.1 O bibliotecário universitário como multiplicador

No contexto da educação superior, “o bibliotecário é a figura central no discurso da competência informacional” (CAMPELO, 2003, p. 34). Para Campello (2009, p. 19), “democratizar o acesso à informação, capacitar as pessoas para o uso crítico da informação, proporcionar condições que permitam a reflexão, a crítica e a construção de ideias por meio da leitura são ações constantemente recomendadas para o bibliotecário”. Disso, entende-se que a incorporação da noção de Sociedade da Informação no discurso e na práxis bibliotecária aprimoraria ainda mais seu papel cívico e educativo.

De acordo com Dudziak (2007), esse profissional da informação, através de seu papel de mediador pedagógico, torna-se um educador e passa a integrar frentes de trabalho, as mais diversas, que o legitimam como um agente de transformação social e educacional. A autora prossegue afirmando que o bibliotecário, exercendo papel de liderança nesse processo,

organiza programas de competência informacional em conjunto com professores e gestores, ministra aulas em diversos espaços, executa projetos informacionais com foco na educação voltada para a competência em informação (*information literacy education*), observa a importância do acolhimento e do aprendizado significativo, aprimora seus conhecimentos educacionais e pedagógicos. (DUDZIAK, 2007, p. 95).

Nessa incumbência de liderar, o bibliotecário tem o dever de gerenciar a organização, as operações e os recursos de sua biblioteca no intuito de criar um ambiente de aprendizagem eficiente, eficaz e seguro. Além desse encargo, o bibliotecário “deve colaborar com as famílias e os membros de comunidade, respondendo aos

interesses e às necessidades destes” (DUDZIAK, 2007, p. 96). Tal colaboração deve ser realizada de maneira íntegra e eticamente responsável, sendo parte dela a missão de “compreender, responder e influenciar o contexto político, social, econômico, legal, e cultural maior” (DUDZIAK, 2007, p. 96).

Em termos de um processo de capacitação de usuários para pesquisa e busca de informações em atividades acadêmicas, o bibliotecário figura como um potencial multiplicador da Competência em Informação.

Dentro da tarefa de ensino e aprendizagem em programas de ALFIN, os bibliotecários e comunicadores se destacam pois são educadores em potencial (sic). Esse (sic) profissionais detém conhecimento técnico das habilidades propostas em tais programas. E de fato é dentro do escopo da biblioteconomia, que as preocupações com a busca e a recuperação da informação são trabalhadas cientificamente em metodologias avançadas. (SIMEÃO; PROENÇA, 2011, p. 124).

Como multiplicador, seu papel seria, entre outros, o de compartilhar parte de seus conhecimentos em informação e tecnologia, treinando seus usuários no intuito de torná-los independentes, habilitados e competentes para lidar com informação em seus diversos formatos, origens e nuances. Tal papel expande os deveres desse profissional e o alcance de sua práxis:

como agente educacional de transformação, o bibliotecário assume para si, além do papel de educador, renovação de sua própria competência informacional, adotando e disseminando práticas transformadoras na comunidade: pratica o aprender a aprender, difunde e populariza a ciência, explica as implicações da tecnologia, discute a realidade social e política, alerta para a responsabilidade social e ambiental. (DUDZIAK, 2007, p. 96).

Julga-se, por isso, essencial que o bibliotecário, para que se legitime nessa função de “multiplicador”, busque desenvolver, tanto de maneira autônoma como comunitária, sua própria competência, não só para sanar necessidades pontuais de conhecimento mas também para fomentar um aprendizado continuado, ao longo da vida (BERTÚLIO, 2012). Por outro lado, tendo em vista que a inserção do bibliotecário na comunidade educacional não é uma ação relativamente fácil, como afirma Dudziak (2003), o bibliotecário deve se esmerar também na legitimação de seu papel como educador. Para tal, uma postura de emancipação da figura conservadora e inerte que surge na mentalidade comum ao se falar em bibliotecário é fundamental. Isso só é possível a partir da adoção, por parte desse profissional, de uma postura dinâmica e

multidisciplinar, que oportunize o uso dos serviços da biblioteca de maneira contextualizada. Não somente isso, segue-se a necessidade de uma formação técnico-didática que não descarte a necessidade do domínio das ferramentas e das técnicas bibliográficas mas que, ao mesmo tempo, dê vasão a uma instrução pedagógica para o futuro multiplicador.

3.3 Treinamento e capacitação de multiplicadores: iniciativas internacionais

É relevante ao bibliotecário mutliplicador, ainda que tendo o domínio das habilidades que dão forma à Competência em Informação, se engajar em processos de capacitação no intuito de dar continuidade à sua formação técnico-didática. Como dito anteriormente, a renovação de sua própria Competência em Informação é um dever do bibliotecário que assume para si o papel de educador (DUDZIAK, 2007).

No intuito de listar algumas práticas de treinamento e capacitação de multiplicadores em Competência em Informação a nível global, recorreu-se ao *“Information Literacy: an international state-of-the-art report”*, documento publicado pela IFLA, em 2007, sob coordenação Jesus Lau. Tal documento é o relatório de práticas internacionais em Competência em Informação mais completo e atualizado dos que constam no sítio oficial da IFLA.

O objetivo desse relatório geral é identificar tendências mundiais em Competência em Informação. Cada relatório que constitui esse documento foi estruturado em seis ítems:

- a) Introdução
- b) Recursos para educação de usuários;
- c) Publicações relacionadas ao tema;
- d) Organizações, associações e grupos profissionais;
- e) Programas de treinamento para multiplicadores;
- f) Eventos científicos, como conferências e encontros.

Diferentes especialistas da IFLA são os responsáveis pelas análises de cada um dos países ou regiões que constam no relatório. São eles: Judy Peacock (Austrália); Sylvie Chevillotte (Países de língua francesa: Bélgica, França, Quebec e Suíça); Jesus Lau

(América Latina); Eva Tolonen (Países nórdicos: Finlândia, Dinamarca, Noruega e Suécia); María Pinto e Dora Sales (Espanha); Babbakisi T. Fidzani (África Subsaariana); Sheila Webber e Claire McGuinness (Reino Unido e Irlanda); Linda J. Goff (Estados Unidos e Canadá); e Karin de Jager, Mary Nassimbeni e Peter Underwood (África do Sul). Como é explicado por Jesus Lau na introdução geral do documento, alguns dos relatórios locais são bem detalhados, como é o caso dos da Espanha e da América Latina. Outros, são breves, como os da África e o do Estados Unidos. Apesar das diferenças entre cada relatório específico, o documento em questão representa, pensa o autor, um grande aliado de quem se interessa no estudo e na prática da Competência em Informação.

Como este trabalho volta-se para a figura do multiplicador e as características de sua formação, restringiu-se a análise dos relatórios ao item “e”, “Programas de treinamento para multiplicadores”.

3.3.1 Austrália

Na Austrália, como aponta Judy Peacock (2007), a maioria das atividades de treinamento e desenvolvimento dos profissionais que trabalham com Competência em Informação é focada no desenvolvimento de habilidades pedagógicas, especificamente no que concerne aos temas: design de currículos, gestão de sala de aula, educação à distância e alfabetização de adultos. O desenvolvimento desses profissionais é fomentado, principalmente, por grupos e associações de profissionais, como é o caso do *Information Skills and Services Working Party*, vinculado à *Queensland University Libraries Office Cooperation* (QULOC). Além disso, fóruns profissionais a nível nacional também são realizados com esse intuito, como é o exemplo do “*CRIG Information Literacy Seminar*”, realizado anualmente desde o ano de 2005 pela *Caval Reference Interest group* (CRIG).

3.3.2 Regiões de língua francesa: Bélgica, França, Quebec e Suíça

De acordo com Sylvie Chevillotte (2007), na França há um serviço institucional estatal que financia e dá suporte a publicações de material de cunho pedagógico direcionado aos multiplicadores. Além disso, a *École Nationale Supérieure des Sciences de l'information et des Bibliothèques* mantém uma rede de treinamento de bibliotecários

com conferência anual própria, sítio e *blog*. Nesse país, os bibliotecários multiplicadores devem participar de treinamentos contínuos de atualização. Já na Bélgica, as iniciativas de formação vêm, na maioria das vezes, de bibliotecários escolares já envolvidos com *Information Literacy*. Em 2004, uma sessão de treinamento foi organizada para professores do nível superior. Em Quebec, a *Ecole des Bibliothèques et Sciences de l'Information* da Universidade de Montreal oferta um curso opcional para estudantes iniciantes. Continuamente, cursos de atualização são realizados, o que significa compromisso por parte dos profissionais em participarem de seminários e reuniões temáticas para desenvolvimento de habilidades.

3.3.3 América Latina

Não havia, até o ano de 2007, estudos formais sobre Competência em Informação sendo oferecidos pelas escolas de Biblioteconomia da América Latina, apenas treinos por organizações regionais. Jesus Lau (2007) aponta uma exceção a essa regra no México: bibliotecas mexicanas, como as da *Universidad Autónoma de Ciudad Juarez* (UACJ), oferecem cursos aos multiplicadores de outras bibliotecas universitárias desde 1998. Além disso, o México tem colaborado massivamente para a expansão dos estudos e da prática de Competência em Informação em toda a América Latina. No ano de escrita desse relatório, dois cursos foram dados: um para funcionários de bibliotecas públicas e outro para instituições educacionais. A Comunidade *Desarrollo de Habilidades Informativas* (DHI), juntamente com a Universidade Veracruzana e Universidade do Novo México em Veracruz, estava para oferecer um curso de verão em didática em Competência em Informação. Um outro exemplo da colaboração massiva do México em relação à popularização da Competência em Informação são os *workshops* dados em países como Brasil, Cuba, Guatemala e Peru por Jesus Lau, bibliotecário mexicano que preside a seção de Competência em Informação da IFLA.

3.3.4 Países nórdicos: Finlândia, Dinamarca, Noruega e Suécia

Conforme relatou Eva Tolonen (2007), desde o ano de 2002 realiza-se o “*The Nordic Summer Schools*”. O objetivo dessas escolas de férias é promover competências e fortalecer, nesses países, a rede de bibliotecários interessados em Competência em

Informação e processos de aprendizado. Além disso, organizações e grupos de trabalhos ligados às bibliotecas nacionais dos países realizam seminários de treinamento.

3.3.5 Espanha

Na Espanha, cursos práticos direcionados a profissionais da informação com fins de formação de usuários em Competência em Informação eram feitos esporadicamente. A Sociedade Espanhola de Documentação e Informação Científica (SEDIC), uma das mais importantes organizações no campo dos estudos em informação no país, oferece treinamento para formação de especialistas em informação, gestão e documentação. É em seus programas de educação a distância que o número de treinos recentes em Competência em Informação tem se estabelecido, como é o caso das várias reedições do curso *“Alfabetizar en información desde La biblioteca universitaria en la era Del conocimiento y en el marco de la convergência europea: diseno de herraminetas para el aprendizaje virtual”*. As pesquisadoras responsáveis pelo relato espanhol são María Pinto e Dora Sales (2007).

3.3.6 África Subsaariana

Não há registros de iniciativas de treinamento de multiplicadores nesse relatório.

3.3.7 Reino Unido e Irlanda

Em vários departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Reino Unido tem se tornado comum a oferta de módulos de ensino de Competência em Informação para estudantes, como por exemplo, módulos sobre busca e avaliação da informação. De acordo com Sheila Webber e Claire McGuinness (2007), esse é o caso, por exemplo, da Universidade de Wales e da *London Metropolitan University*. Outros módulos específicos de ensino que incorporam o ensino de Competência em Informação:

- O *“Information Literacy Instruction”*, módulo oferecido pela *University College Dublin*, a única escola de Ciência da Informação e Biblioteconomia da Irlanda. Esse módulo cobre definições e teorias da informação e educação, e fomenta habilidades pedagógicas ligadas ao ensino da Competência em Informação;

- Módulo de pesquisa em Competência em Informação da Universidade de Sheffield, Reino Unido. Esse módulo se concentra em áreas relacionadas aos métodos de pesquisa em Competência em Informação.

Fora das escolas de Ciência da Informação, iniciativas de formação continuada que englobam eventos relacionados à Competência em Informação são organizados por associações e grupos profissionais. Um exemplo dessas iniciativas são os seminários diários em habilidades informacionais que ocorrem na *Academic and National Library Training Cooperative (ANLTC)*, da Irlanda.

3.3.8 Estados Unidos e Canadá

O Programa de Imersão do Instituto para Competência em Informação da ACRL, provém instrução para bibliotecários e instituições. De acordo com Linda J. Goff (2007), esse programa oportuniza um trabalho intensivo de quatro dias e meio em todos os aspectos da Competência em Informação. Esse curso é direcionado tanto a instituições que estão começando a pensar na implementação de Competência em Informação como a bibliotecários e instituições com programas já em andamento. O programa provê, ainda, instrução, ferramentas e técnicas práticas para auxiliar na construção ou na melhoria de projetos de instrução em Competência em Informação.

3.3.9 África do Sul

Não há registros de iniciativas de treinamento de multiplicadores nesse relatório.

4 UNB, BCE E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Tendo em vista o conceito amplo de sua responsabilidade sócio-educacional e o contexto mais complexo de sua atuação, percebe-se que as Instituições de Ensino Superior devem possibilitar uma habilitação mais transversal para a lida com a informação. Nessa situação, a biblioteca e o bibliotecário surgem como espaço e profissional aptos para o desenvolvimento dessas habilidades. Procura-se, nesse capítulo, importar tal entendimento e categorizá-lo a partir do contexto da Universidade de Brasília e sua Biblioteca Central, na tentativa de justificar a escolha desse cenário como o pano de fundo da pesquisa em questão.

4.1 UnB: da utopia à realidade

A Universidade de Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1962 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, *online*). Nas palavras de um dos seus principais idealizadores, Darcy Ribeiro (1978, p. 15), “a UnB foi e é ainda o projeto mais ambicioso da intelectualidade brasileira”.

Para Darcy, “de 1959 a 1961 a criação da UnB foi a questão cultural mais séria, mais desafiante e mais empolgante que se colocou diante da intelectualidade do país, que via nela sua meta e sua causa” (RIBEIRO, 1978, p. 15). Tal empolgação, pensa o autor, surgia nas bases advindas desse projeto para a promoção de um vigoroso movimento de reforma universitária. Primeiro, porque o projeto da Universidade de Brasília oferecia um diagnóstico e uma autocrítica severos sobre a precária situação das universidades brasileiras. Segundo, porque oferecia um “plano alternativo de organização de uma universidade planejada racionalmente, o qual funcionando como uma tábua de contrastes, permitia à comunidade universitária brasileira ver-se a si mesma com objetividade” (RIBEIRO, 1978, p. 23). Tudo isso converteu a Universidade de Brasília naquilo que ela fundamentalmente é: “a cristalização, como utopia concreta, das aspirações mais profundas da intelectualidade brasileira, particularmente da comunidade científica nacional” (RIBEIRO, 1978, p. 24).

De acordo com o autor, a UnB não é apenas “um conjunto de edifícios na tarde do cerrado goiano” (RIBEIRO, 1978, p. 41). Pelo contrário, ela é um instrumento

fundamental de superação do atraso de uma nação frustrada, dependente do plano externo e oprimida internamente:

A UnB é uma utopia vetada, é uma ambição proibida, por agora, de exercer-se. Mas permanece sendo, como a nossa utopia concreta, pronta a retomar-se para se repensar e refazer, assim que recuperarmos a liberdade de definir o nosso projeto como povo e a universidade que deve servi-lo. [...] É, sobretudo, o compromisso de esforçar-se, permanentemente, incansavelmente, para ser a **universidade necessária**. Aquela que, ademais de construir-se a si mesma como deve ser, a casa da cultura brasileira, se faça capaz de ajudar o Brasil a formular o projeto de si próprio: a nação de seu povo, ordenada e regida por sua vontade soberana, como o quadro dentro do qual ele há de conviver e trabalhar para si próprio. (RIBEIRO, 1978, p. 41, grifo nosso).

Ela era uma universidade vocacionada à completude, que deveria cobrir, “pela primeira vez em nossa história, todos e cada um dos campos do saber, com a capacidade de cultivá-lo, de aplicá-lo e de ensiná-lo” (RIBEIRO, 1978, p. 87); era portadora de duas lealdades: “à fidelidade aos padrões internacionais do saber e à busca de soluções para os problemas nacionais” (RIBEIRO, 1978, p. 87). Na figura 1 pode-se visualizar parte da Universidade de Brasília à época de sua construção.



Figura 1: Vista aérea do Instituto Central de Ciências à época de sua construção.

Fonte: Arquivo CEDOC

Foi respondendo aos requisitos apontados até então que a UnB surgiu “como um novo padrão de organização universitária” (RIBEIRO, 1978, p. 103) assentada em uma macroestrutura tríplice: *Institutos Centrais de Ciências, Letras e Artes*, para o cultivo de um saber fundamental; *Faculdades Profissionais*, voltadas à pesquisa e ao ensino em

técnicas e ciências aplicadas; e *Órgãos Complementares*, responsáveis pela prestação de serviços à comunidade universitária e à cidade:

Graças a esta macroestrutura tríplice, as ciências básicas poderiam ser cultivadas nos Institutos Centrais por sua importância intrínseca, e não em razão de suas aplicações eventuais. Por outro lado, as Faculdades Profissionais, liberadas dos cursos introdutórios e do cultivo das ciências, poderiam se dedicar melhor à pesquisa aplicada de caráter tecnológico e ao ensino prático dos repertórios dos seus respectivos tirocínios profissionais. Os Órgãos Complementares, por sua vez, converteriam as atividades de extensão universitária, que se exercem habitualmente como uma demagogia cultural, em programas concretos voltados para a elevação do nível cultural de toda a população da nova capital. Para isto contariam com os necessários instrumentos de comunicação de massa, tal como Rádio e Televisão, sem os quais toda a difusão educativa é vã porque não pode competir sem os meios modernos de comunicação de massas. (RIBEIRO, 1978, p. 104).

Ainda tendo como foco os Órgãos Complementares, Darcy afirma que, além de suas funções específicas, tais órgãos “operariam como núcleos de treinamento em serviço para a formação profissional nos seus respectivos campos de especialidade” (RIBEIRO, 1978, p. 108). Esse seria o caso, por exemplo, da Biblioteca, o *lócus* de prática para a carreira de Biblioteconomia.

Durante seu período de implantação, a Universidade de Brasília passou por duras vicissitudes, “desde ataques brutais e campanhas impiedosas de repressão, até extremos de boçalidade e incompetência, além de formas ignaras de conduta que a descaracterizaram e desnaturaram” (RIBEIRO, 1978, p. 130). Como afirma o antropólogo ainda em sua época, “muitos outros propósitos e ambições da UnB ficaram consignados nos seus documentos originais, e hoje só são recordados pelos que participaram do planejamento inicial” (RIBEIRO, 1978, p. 133). Porém, após Darcy, muita coisa aconteceu. A Universidade expandiu-se, remodelou-se em sua estrutura de graduações, modernizou-se tecnologicamente e alcançou, pelo menos aparentemente, o tão sonhado “quarto nível” de Darcy, com a institucionalização dos sistemas de pós-graduação e o preparo de seu próprio quadro docente. Atualmente, a Universidade de Brasília

possui 2.445 professores, 2.630 técnicos-administrativos e 28.570 alunos regulares e 6.304 de pós-graduação. É constituída por 26 institutos e faculdades e 21 centros de pesquisa especializados. Oferece 109 cursos de graduação, sendo 31 noturnos e 10 a distância. Há ainda 147 cursos de pós-graduação *stricto sensu* e 22 especializações *lato sensu*. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, *online*).

Além disso, cinquenta e cinco departamentos, um Hospital Universitário, dois Hospitais Veterinários, uma fazenda e quatro Campi (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, *online*) também fazem parte da organização estrutural de uma das maiores universidades do Brasil.

4.2 A Biblioteca Central

A Biblioteca Central da Universidade de Brasília, desde sua fundação, no ano de 1962, tem procurado cumprir com sua missão de “promover e garantir para a comunidade universitária o acesso à informação e o compartilhamento no âmbito do Sistemas de Bibliotecas da UnB contemplando o ensino, a pesquisa e a extensão” (BIBLIOTECA CENTRAL, *online*). Sua visão: “ser referência de biblioteca acadêmica no Brasil e na América Latina e Caribe pelo padrão de excelência na gestão da informação e do conhecimento” (BIBLIOTECA CENTRAL, *online*).

Como consta no corpo de Órgãos Complementares disposto no Plano Orientador da Universidade de Brasília, a Biblioteca Central, em seu projeto originário, coordenaria

uma unidade principal com obras gerais e de referência, serviços de documentação e **intercâmbio científico e cultural** e dezesseis bibliotecas especializadas, sediadas nos Institutos Centrais e nos conjuntos de Faculdades afins. O acervo básico destas bibliotecas deverá montar a um milhão de obras, representando um dos principais investimentos da Fundação e aquele (sic) para cuja constituição mais se necessitará apelar para a ajuda de instituições estrangeiras e internacionais. Na Biblioteca Central funcionará a Faculdade de Biblioteconomia, montada para receber alunos bacharelados pelos Institutos Centrais e especializá-los na biblioteconomia e documentação nos respectivos campos de especialidade. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1968, grifo nosso).

Em um edifício de aproximadamente 16.000 m² - como pode ser visualizado na figura 2 -, com capacidade para abrigar um milhão de volumes e dois mil usuários, 242 funcionários (estagiários, terceirizados e servidores), entre eles 42 bibliotecários/documentalistas, dão conta do funcionamento desse órgão. Na média, 4000 pessoas são atendidas diariamente, e, com base em estatísticas de circulação de materiais geradas no dia 20 de Junho de 2013, aproximadamente 550 empréstimos, 1000 devoluções e 1000 renovações são realizados por dia (DIREÇÃO BCE).



Figura 2: Vista traseira da Biblioteca Central após sua construção.

Fonte: Acervo CEDOC

O acervo da BCE/UnB é composto por aproximadamente 1,5 milhão de volumes entre livros, periódicos e outros, sendo dividido em coleções:

1. **Acervo geral** - composto por livros, folhetos, teses e dissertações.
2. **Coleções especiais** - acervo composto por livros da editora da UnB, produção científica da universidade, publicações de organismos internacionais e materiais especiais.
3. **Mapoteca** - acervo de mapas cartográficos.
4. **Multimeios** - acervo de materias multimedia.
5. **Obras raras** - composto por livros, folhetos, periódicos, entre outros documentos de valor histórico.
6. **Periódicos** - acervo de revistas que possui cerca de 3.700 títulos.
7. **Referência** - acervo composto por materias de consulta rápida, como dicionários, enciclopédias, entre outros. (BIBLIOTECA CENTRAL, *online*, grifo do autor).

Além do empréstimo exclusivo por parte dos usuários cadastrados, a Biblioteca Central oferece vários serviços objetivando a prestação efetiva de um bom atendimento, o que visa o estabelecimento de um contato com a comunidade acadêmica que sane suas necessidades de informação:

1. Elaboração de fichas catalográficas para teses e dissertações.
2. Comutação Bibliográfica - COMUT
3. Laboratórios de acesso digital para alunos, professores e servidores
4. Auditório, Sala de Treinamento e Sala de Aula

5. Cabines de Áudio e Vídeo
6. Visitas Orientadas
7. Treinamento em Bases de Dados
8. Empréstimo de Normas Bibliográficas. (BIBLIOTECA CENTRAL, *online*).

Entre os serviços do setor de Referência, talvez o setor cujas atribuições sejam mais similares à capacitação em Competência em Informação, alguns se destacam:

além do atendimento pessoal e por telefone, temos como produto principal o "Treinamento de pesquisa bibliográfica em Bases de Dados", que consiste na técnica de fazer pesquisa científica, onde abordamos como montar a estratégia de pesquisa, fazer o levantamento bibliográfico, e adquirir os artigos selecionados. Temos também a apresentação de "Visita guiada" onde apresentamos a biblioteca e explicamos como utilizá-la. Há também o "Levantamento bibliográfico", que é um serviço onde a pessoa pede um levantamento sobre um assunto específico, de livros ou de artigos acadêmicos. É feito o "levantamento bibliográfico", e é enviado para que a pessoa faça a "análise bibliográfica", a partir desta análise, ela selecionará quais documentos deseja ter na íntegra, e aí enviamos como consegui-los. (DIREÇÃO BCE).

A biblioteca ainda oferece um conjunto vasto de serviços digitais de gestão e disseminação de informação científica da própria Universidade de Brasília, dentre eles, a Biblioteca Digital de Monografias, o Repositório Institucional e a Biblioteca Digital e Sonora (BDS), essa última, de uso restrito a pessoas com deficiência visual.

4.3 BCE/UnB como ambiente propício para a capacitação em Competência

Tendo em vista o contexto histórico no qual foi criada, suas funções originárias e as variadas ferramentas de informação que presentemente encontram-se seu em uso, percebe-se que a BCE/UnB é um ambiente propício, dentro da Universidade de Brasília, para a capacitação em Competência em Informação de alunos, professores, servidores e demais usuários.

Começando pelas incitações que moviam os fundadores da UnB, nota-se que, entre elas, estava, de acordo com Darcy (RIBEIRO, 1978, p. 68), a de

superar o utilitarismo universitário para possibilitar aos estudantes compor livremente seus currículos, e até mesmo, dedicar-se fundamentalmente a se fazerem herdeiros do patrimônio cultural humano como *generalistas*, sem a obrigação de especializar-se.

Por mais estruturados que sejam os currículos dos cursos hoje em funcionamento, a oferta de capacitação em Competência em Informação pela Biblioteca Central coadunaria com a proposta generalista de seus idealizadores. Afinal, a lida com a informação, ainda mais na contemporaneidade, é algo que deve estar presente na prática de qualquer estudante ou profissional, seja ele um especialista ou não. Não é à toa que Darcy Ribeiro cita a “reunião e a organização de informações” como habilidades indispensáveis para a formação de um estudante autônomo:

a contribuição que a universidade pode dar nestes campos é cultivar inteligências acesas e exercitadas para **reunir e organizar informações**, programar procedimentos complexos e controlar sua execução, qualificações essas que não são redutíveis a qualquer programa de estudos utilitários ou a qualquer tipo de adestramento profissionalizante. (RIBEIRO, 1978, p. 68, grifo nosso).

Outra pista que pode ser encontrada no discurso dos idealizadores da “Universidade Necessária” (RIBEIRO, 1969) são as ambições ligadas à manutenção de uma universidade livre e autônoma no campo cultural e político. A primeira dessas ambições era a de fazer da nova capital um “núcleo cultural criativo” (RIBEIRO, 1978, p. 77). A segunda, e aqui, novamente, a questão da Competência em Informação entra em voga, era a de “proporcionar aos poderes públicos o assessoramento livre e competente de que careceriam em todos os ramos do saber e que, numa cidade nova e artificial, somente uma universidade madura e autônoma poderia proporcionar” (RIBEIRO, 1978, p. 102-103). Por mais que Brasília já não seja uma cidade nova, considerando que já se passaram trinta e cinco anos desde a escrita de Darcy Ribeiro, o problema permanece: como os poderes públicos lidam com as novas demandas da Sociedade da Informação? Que profissionais e que ferramentas são requisitados para responder a tais demandas? A Biblioteca Central da Universidade de Brasília, na figura de seus bibliotecários, pode, ou pelo menos poderia, a partir de seu domínio técnico-formal das habilidades e competências ligadas ao manejo da informação, atuar de maneira relevante não só para a própria universidade mas, principalmente, para a tomada de decisões da sociedade civil e dos poderes públicos que a representam.

No que tange à capacitação de profissionais, a proposta da Competência em Informação na BCE/UnB também vai ao encontro de uma antiga aspiração dos idealizadores da Universidade de Brasília. Essa nova estrutura de universidade à qual se remete a UnB, proporcionaria à nova capital serviços primordiais para seu

florescimento, entre eles, o de “assegurar aos profissionais de nível superior residentes na nova capital oportunidades de reciclagem e especialização, através do programa de educação continuada” (RIBEIRO, 1978, p. 103). Nesse sentido, pode-se dizer que os faróis da Sociedade da Informação, a saber, o aprender-a-aprender e a Competência em Informação, vão de encontro ao desejo de proporcionar uma formação continuada a profissionais.

Por fim, a estrutura funcional, pessoal e as múltiplas ferramentas informacionais das quais a Biblioteca Central lança mão atualmente são indicadores de que a BCE/UnB é capaz de liderar o processo de letramento e inclusão digital na capital do país. Uma iniciativa de Competência em Informação na BCE/UnB pode formar as bases que permitirão um alargamento ou a projeção de experiências relacionadas a *Information Literacy* para outras universidades. É, portanto, nesse cenário que surge a necessidade de se estudar as características e peculiaridades dos bibliotecários da BCE/UnB e seu desempenho como multiplicadores no processo de capacitação de usuários para pesquisa e busca de informações em atividades acadêmicas.

5 METODOLOGIA

Para a classificação metodológica da pesquisa, toma-se como base a taxonomia apresentada por Vergara (2005), que especifica a pesquisa em torno de dois aspectos básicos: quanto aos fins e quanto aos meios.

Quanto aos fins, uma pesquisa pode ser: a) exploratória; b) descritiva; c) explicativa; d) metodológica; e) aplicada e/ou f) intervencionista. Quanto aos meios de investigação, pode ser: a) pesquisa de campo; b) pesquisa de laboratório; c) documental; d) bibliográfica; e) experimental; f) *ex post facto*; g) participante; h) pesquisa-ação; i) estudo de caso (VERGARA, 2005, p. 46-47, grifo do autor).

Quanto aos fins, esta pesquisa pode ser classificada como descritiva porque visa descrever percepções, expectativas e opiniões de uma população específica, a saber, dos bibliotecários da BCE/UnB que foram sensibilizados e capacitados no tema Competência em Informação durante um período específico.

Quanto aos meios, a pesquisa pode ser classificada como pesquisa de campo, pois possibilitou a coleta de dados em uma circunscrição específica, a saber, a BCE/UnB.

5.1 Subsídios da pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo identificar quais características devem permear a formação do bibliotecário multiplicador em Competência em Informação no contexto da BCE/UnB. O objetivo desta pesquisa é decorrente dos resultados colhidos na primeira etapa da pesquisa realizada em Projeto de Iniciação Científica (PROIC), da Universidade de Brasília 2011/2012, deste pesquisador, cujo relatório parcial encontra-se no Apêndice A.

O referido relatório especifica a atuação conjunta de pesquisadores, tanto de iniciação científica como de pós-graduação, sob a orientação da Prof. Dra. Elmira Simeão, focados no tema “Competência em Informação”. Essa atuação conjunta dividiu-se em três etapas conexas voltadas a um diagnóstico de perfis dos bibliotecários multiplicadores que ora fazem parte da amostra desta pesquisa. Além disso, parte das informações colhidas na primeira etapa do PROIC foi utilizada para subsidiar a formulação de algumas perguntas do roteiro de entrevista que é o instrumento da presente pesquisa.

5.2 Instrumento de pesquisa: entrevista aos bibliotecários

No que tange à pesquisa de campo, bibliotecários da BCE/UnB que cursaram a disciplina da pós-graduação “Tópicos Especiais em Comunicação e Mediação da Informação: Letramento/ Competência Informacional” no segundo semestre de 2011 foram submetidos a entrevistas pessoais estruturadas. O universo disponível foi de sete bibliotecários, sendo cinco entrevistados, o que representa mais de 70% da amostra pretendida. Não foi possível a entrevista com todos os bibliotecários por motivo de indisponibilidade de acesso decorrente da instauração da greve dos servidores da Universidade de Brasília no primeiro semestre letivo do ano de 2012.

A delimitação desse universo justifica-se pelo fato de esses bibliotecários conhecerem tanto o contexto operacional da biblioteca em questão como o bojo de competências que formariam o arcabouço pragmático de um possível processo de capacitação de usuários em pesquisa e busca da informação na BCE/UnB. Tais profissionais foram capacitados, entendem os conceitos e já foram sensibilizados preliminarmente através de discussões sobre implementação de Competência em Informação em bibliotecas.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente com cada um dos profissionais, sendo que, além da gravação do procedimento, uma transcrição do que havia de principal da resposta de cada questão foi requerida. Por meio dessa transcrição obtém-se uma redação, cunhada pelo próprio respondente, do que há de central em sua resposta. Esse núcleo textual foi utilizado, juntamente com seu complemento retirado das gravações, como fonte primária da transcrição dos dados da entrevista.

A ferramenta foi desenvolvida a partir de uma relação fixa de perguntas com ordem e redação permanentemente invariáveis para todos os entrevistados, o que a classifica como estruturada, de acordo com Gil (2008). Para o autor em questão,

entre as principais vantagens das entrevistas estruturadas estão a sua rapidez e o fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores, o que implica custos relativamente baixos. Outra vantagem é possibilitar a análise estatística dos dados, já que as respostas obtidas são padronizadas. Em contrapartida, estas entrevistas não possibilitam a análise dos fatos com maior profundidade, posto que as informações são obtidas a partir de uma lista prefixada de perguntas. (GIL, 2008, p. 113).

O roteiro de entrevista pode ser consultado no Apêndice B.

5.1.1 Modelo conceitual de estruturação do roteiro de entrevista

Para formulação das questões que compuseram a entrevista, utilizou-se das recomendações dadas por Jesus Lau (2008) no “*International Guidelines on Information Literacy*”, traduzido para o português como “Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente”. Esse documento, que foi compilado pela Seção de Competência em Informação da IFLA, foi criado com o propósito de “proporcionar uma estrutura prática para os profissionais da informação que sentem a necessidade ou estão interessados em iniciar um programa de desenvolvimento de habilidades em informação” (LAU, 2008, p. 1). Nas palavras do autor, “as diretrizes ajudarão aos profissionais da informação que trabalham em programas educativos de educação fundamental e educação superior em seus esforços para atender aos requisitos de habilidades em informação na atualidade” (LAU, 2008, p.1).

Considerando a formação e o desenvolvimento do multiplicador, objeto deste estudo, como foco de investigação, optou-se por se utilizar, especificamente, o capítulo sete dessas diretrizes já que esse trata exatamente do **desenvolvimento de pessoal** no contexto de formação de um programa de capacitação em informação. De acordo com o autor em questão, o papel de multiplicador impõe ao bibliotecário um desafio específico: “os bibliotecários devem ser capacitados na busca das oportunidades para aprender ou melhorar suas habilidades como facilitadores de aprendizagem” (LAU, 2008, p. 31). Por isso, continua o autor, competências essenciais devem ser desenvolvidas de maneira autônoma e sistêmica por este profissional, sendo que a biblioteca, mesmo em vista desse aprendizado autônomo, deve “oferecer capacitação adequada de acordo com seus meios” (LAU, 2008, p. 32).

Sobre a auto-atualização dos bibliotecários, é necessário:

- Desenvolver sua própria destreza em habilidades informativas;
- Desenvolver a habilidade de facilitar a aprendizagem e ensinar a pensar e questionar de maneira crítica;
- Ser responsáveis por sua própria aprendizagem e de suas próprias destrezas no uso de tecnologias;
- Receber capacitação constante como bibliotecários: uma forma crucial de aprender novas destrezas e conceitos;

- Participar de organizações profissionais, assistir a conferências e adquirir literatura técnica;
- Dar um tempo, a si mesmos, para ter oportunidades de colaborar com seus pares, dar e receber apoio contínuo e oferecer e receber conselhos relacionados ao plano de estudos (LAU, 2008, p. 32).

Quando se fala, por outro lado, na biblioteca como oportunizadora de capacitação aos multiplicadores, algumas iniciativas são elencadas pelo autor, como, por exemplo, a possibilidade da estruturação de um programa para incrementar o desenvolvimento de capacidades de ensino desses profissionais. Para ele, poderiam ser implementados pelo menos quatro tipos de cursos, direcionados a quatro frentes fundamentais no processo de capacitação em informação: pedagógico, tecnológico, auto-gestão e competência em informação.

- O **componente pedagógico** do programa deveria incluir temas sobre como criar um curso, ementas das disciplinas, avaliação, comunicação em classe, resolução de conflitos em grupos, dentre outras habilidades de ensino e aprendizagem básicos;
- A **capacitação tecnológica** deveria incluir cursos de aplicações de oficina, administração de cursos, aplicações de *web designer* e manuseio de equipamentos;
- Para as questões de **auto-gestão**, o programa deve incluir a administração do tempo, planejamento, eventos motivacionais e a administração em geral;
- A **capacitação relacionada com a informação** deve fazer com que os bibliotecários sejam especialistas no uso dos instrumentos e recursos de informação disponíveis na biblioteca, até mesmo a internet, incluindo os sites de busca, as bases de dados e as publicações eletrônicas, dentre outros conteúdos informacionais existentes dentro e fora da biblioteca (LAU, 2008, p. 32)

Tem-se, portanto, um projeto de desenvolvimento de equipe de multiplicadores estruturada de maneira dupla, conforme ilustrado na figura 3. Em um primeiro momento, pressupõe-se e estimula-se a responsabilidade autônoma do multiplicador em desenvolver sua própria competência de acordo com suas carências e seu perfil profissional. Em um segundo momento, há o apontamento da biblioteca como oportunizadora de um reforço das competências do multiplicador, focada nas quatro frentes fundamentais expostas anteriormente.

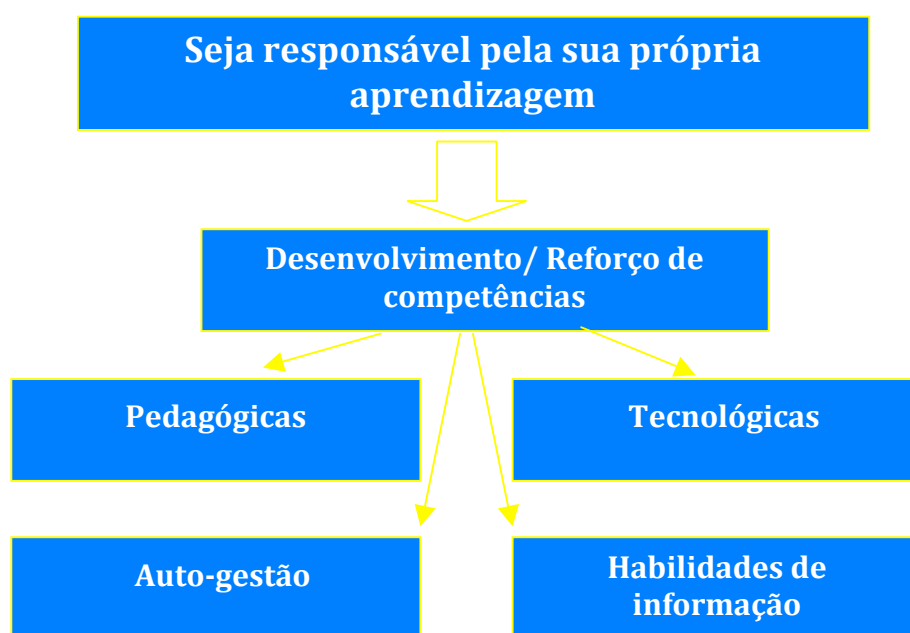


Figura 3: Desenvolvimento da equipe
Fonte: LAU, 2008

Partindo do modelo conceitual descrito, estruturou-se a entrevista e a posterior análise de dados em três partes/categorias: “Perfil do multiplicador”, “Percepção das ações da BCE para o tema” e “Percepção do bibliotecário como agente multiplicador do processo (individual/em rede)”.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1 Pesquisa de campo

A análise dos dados colhidos nas entrevistas foi estruturada a partir das mesmas categorias nas quais se basearam as perguntas e o modelo de entrevista, conforme descrito anteriormente. Nenhuma das respostas foi totalmente transcrita para que informações básicas sobre os entrevistados fossem preservadas, considerando apenas os aspectos essenciais pertinentes ao que foi respondido frente a pergunta efetuada. Para fins de sigilo, foram omitidos os nomes dos entrevistados, preferindo a utilização de numerações para cada um dos cinco bibliotecários: *Entrevistado 1*, *Entrevistado 2*, *Entrevistado 3*, *Entrevistado 4*, *Entrevistado 5*. Os termos “ele” e “bibliotecário(s)”, quando aqui utilizados, não denotam distinção de gênero entre os entrevistados.

6.1.1 Perfil do multiplicador

A primeira parte procurou obter informações básicas que identificassem o entrevistado, abrangendo informações relacionadas com nome, faixa etária, formação e carreira profissional, estruturada em oito questões ao todo. Resumiu-se uma descrição do padrão de dados coletados nessa primeira categoria: bibliotecários com uma média de 33,4 anos de idade, formados, em sua maioria, na UnB há um pouco mais de seis anos, sem outra graduação mas com especialização. Além disso, percebe-se que esses profissionais possuem pouco “tempo de casa”, consistindo numa média de 2,8 anos. Esse aparente pequeno tempo é justificado por alguns dos entrevistados como fruto do contexto onde a BCE está inserida. Para um dos entrevistados, pelo fato de haver muitos concursos na área de Biblioteconomia no Distrito Federal, os profissionais costumam ir para outras entidades públicas em busca de melhores salários.

Percebe-se que apenas um bibliotecário está inserido em entidades de classe ou associações que vão além do que é imposto por lei para que se exerça a profissão. Tal falta de engajamento pode ser encarada como um déficit no perfil do grupo, já que Lau (2008) aponta a participação em organizações profissionais como um ponto importante no processo de auto-atualização dos bibliotecários.

A última questão da primeira parte indagava o entrevistado sobre qual foi a contribuição da disciplina “Tópicos Especiais em Comunicação e Mediação da Informação: Letramento/Competência Informacional” para sua formação como multiplicador. Todos os entrevistados, sem exceção, apontaram como principal contribuição o “acesso à fundamentação teórica sobre o tema Competência em Informação”. Alguns conceitos específicos ligados ao tema assim como uma noção básica de processos de aprendizagem foram citados como conhecimentos úteis advindos dessa experiência. Para alguns, como é o caso do Entrevistado 2 e do Entrevistado 5, a disciplina serviu, também, para sistematizar questões e processos já vivenciados, situando práticas e conceitos em seu contexto devido. Para outros, como é o caso do Entrevistado 1, a disciplina permitiu o envolvimento em um tema sobre o qual os bibliotecários não tinham noção alguma, por mais que já dominassem práticas inseridas nesse tema. É importante frisar a resposta do Entrevistado 2 que, acostumado à rotina dos setores de processamento técnico e de obras raras, percebeu uma significativa melhoria em sua prática profissional com o usuário. Nas palavras dele, a experiência *“contribuiu para dar um melhor atendimento aos usuários da BCE. A disciplina conseguiu agregar algumas competências necessárias para um melhor atendimento ao público”*.

6.1.2 Percepção das ações da BCE para o tema

Esta segunda categoria de perguntas busca reunir informações relevantes sobre os recursos e/ou iniciativas que a BCE oferece e/ou poderia oferecer para o reforço de habilidades dos bibliotecários multiplicadores. Para tal, procurou-se identificar possíveis práticas que possibilitam ou possibilitariam a capacitação em informação dos bibliotecários da instituição, relacionando essas práticas às condições que Lau (2008) estipula em algumas de suas diretrizes para o desenvolvimento de pessoal.

A questão de número nove (09), a primeira desse bloco de perguntas, se estrutura da seguinte maneira: **“Que atividades a BCE habitualmente promove para que os bibliotecários desenvolvam suas próprias habilidades em competência em informação?”**. Essa pergunta procura saber se o contexto da BCE permite e fomenta a auto-atualização do profissional no desenvolvimento de sua própria destreza em habilidade informativa, como elencado por Lau (2008). É importante lembrar-se que, de acordo com o autor, é essencial para o desenvolvimento contínuo do multiplicador que

ele receba capacitação constante como bibliotecário, sendo que essa capacitação se revela como uma forma crucial de aprender novas destrezas e conceitos.

Obteve-se como resposta mais popular, também constante em todas as entrevistas, a parceria desenvolvida entre a FCI e a BCE/UnB. Tal parceria possibilita ao bibliotecário, entre outras coisas, participar, como aluno ouvinte, de disciplinas da pós-graduação, como foi o caso dos entrevistados. Isso não é tudo. Professores e especialistas que apresentam palestras e treinamentos na FCI, muitas vezes, de acordo com o Entrevistado 3, são convidados para palestrar internamente aos bibliotecários da BCE. Todos os entrevistados afirmaram com bastante ênfase que essa seria a principal e mais relevante iniciativa promovida pela BCE/UnB para que os bibliotecários continuem a desenvolver suas competências e o aprendizado ao longo da vida.

Além da resposta acima, outra atividade da biblioteca constou na resposta de todos os entrevistados como uma iniciativa de promoção de competências, mas não com a mesma ênfase do convênio acima descrito. Para os bibliotecários em questão, os treinamentos específicos nas bases de dados e ferramentas adquiridas pela instituição são outra iniciativa válida. O Entrevistado 5 afirma, por exemplo, que tais iniciativas são *“voltadas pra questões práticas de nosso trabalho”*, por isso, nem todos os profissionais dominam cada uma das ferramentas com total precisão, a ponto de colegas se especializarem em ferramentas distintas e trabalharem em cooperação na divulgação de todas elas. Por fim, afirmam o Entrevistado 2 e o Entrevistado 3, a participação dos profissionais em atualizações para serviços específicos de um setor e em cursos de capacitação promovidos por outras instituições, como o IBICT, é fomentada e, em alguns momentos, patrocinada pela BCE/UnB.

A questão de número dez (10) buscava mapear as sugestões que esses profissionais sensibilizados e capacitados dariam quando confrontados pela necessidade da BCE/UnB de oferecer recursos e iniciativas para que os futuros multiplicadores se empenhem no processo autônomo de desenvolvimento de habilidades informacionais. Em suma, depois de identificarem o que a biblioteca promove, os entrevistados discorreriam sobre o que a biblioteca deveria e/ou poderia promover.

As respostas a essa questão revelaram-se bastante heterogêneas. O Entrevistado 1 acredita que *“o estímulo necessário já está sendo dado através da parceria com a FCI”* e que, além disso, *“a BCE é um bom local, com laboratórios, auditório e outros espaços úteis*

para o projeto". O Entrevistado 2 concorda com Entrevistado 1, porém, afirma ser necessário que a disciplina continue sendo ofertada e que se organize um grupo de bibliotecários *"que popularize o tema dentro da Biblioteca, visando a inclusão de novos bibliotecários na iniciativa, objetivando a formação de um grupo de trabalho!"*. A opinião do Entrevistado 5 se assemelha à opinião do Entrevistado 2. Para ele, uma mudança de postura, assim como uma iniciativa que tente engajar o profissional à causa da Biblioteca explorando melhor as expectativas e habilidades dos colaboradores, são necessárias: *"muitas pessoas tem muito potencial e vontade mas são mal aproveitadas!"*, afirma o bibliotecário que se revela satisfeito tanto com a técnica dos bibliotecários quanto com a estrutura atual da BCE/UnB.

O Entrevistado 3 também afirma serem suficientes o espaço e os recursos físicos da biblioteca. Porém, para ele, *"formações básicas poderiam ser oferecidas pela própria instituição"*, isso porque, de acordo com ele, a maioria dos profissionais possui dificuldade com o inglês e com atendimento a portadores de necessidades especiais. Ao falar sobre isso, o Entrevistado 3 afirma, por exemplo, que *"há dificuldade com domínio de LIBRAS"* e no atendimento a usuários cegos: *"como haveria, portanto, um curso de capacitação de usuários se essa classe não poderia ser contemplada?"* O Entrevistado 4, ao comparar as rotinas de trabalho da biblioteca da UnB com a de outra biblioteca universitária na qual trabalhou anteriormente, afirma serem necessários treinamentos mais intensivos tanto nas novas bases de dados adquiridas como no próprio sistema de automação da BCE/UnB - *Pergamum*. Sua resposta, no entanto, antecede um fator que será apontado por outros entrevistados mais à frente: *"muitos bibliotecários não conhecem os serviços da BCE"*. Para o Entrevistado 4, portanto, são necessários treinamentos *"nos nossos próprios serviços"*, e isso vai ao encontro da percepção dele e de todos os bibliotecários entrevistados de uma desconexão inevitável entre os setores e serviços da biblioteca.

Uma das indicações de Lau (2008) para que seja possível a auto-atualização dos futuros multiplicadores é que haja oportunidades de colaboração dos bibliotecários com seus pares, num contexto que permite dar e receber apoio contínuo. Entendendo que essa condição é difícil de ser alcançada num ambiente onde há falta de trabalho cooperativo entre funcionários e setores, e que é aparentemente inevitável que uma biblioteca da dimensão da BCE/UnB, com uma demanda cada vez mais crescente de

serviços e produtos, seja perfeita na integração de suas partes, procurou-se retirar dos bibliotecários imersos nesse contexto possibilidades para amenizar essa desconexão. Isso foi realizado na pergunta de número onze: **“De que maneira a BCE poderia viabilizar o trabalho cooperativo e de equipes dos setores implicados para o desenvolvimento de um programa de capacitação em Competência em Informação? O que poderia ser feito para que o trabalho cooperativo se desse de maneira mais orgânica e integrada nessa instituição?”**

De início, é perceptível a concordância entre todos os entrevistados de que os setores da BCE/UnB trabalham quase que independentes uns dos outros. Prova disso é que, como salientaram todos, há uma real falta de comunicação entre os setores, e isso é evidenciado pelo desconhecimento que os setores apresentam dos serviços e funcionários vizinhos. Quando questionado sobre esse tema, o Entrevistado 2, por exemplo, chega a afirmar: *“não sei o que está acontecendo no outro setor!”*. Já o Entrevistado 3 diz com pesar: *“muitos bibliotecários não sabem os serviços que o meu setor oferece.”*. O Entrevistado 5, ao revelar que alguns eventos acontecem na Biblioteca sem que o setor de Referência saiba, afirma: *“precisa-se atualizar e dinamizar o contato entre os diversos setores da biblioteca”*.

Entendendo a necessidade de se atenuar essa distância entre setores, que, diga-se de passagem, não é uma característica apenas da biblioteca mas da UnB como um todo, algumas sugestões são dadas pelos entrevistados, sendo que duas delas são encontradas nos discursos de quase todos os bibliotecários: **workshops de atualização e potencialização da intranet com vistas a melhoria da comunicação**. O Entrevistado 4 propõe, entre outras coisas, uma agenda de capacitação onde cada setor daria cursos específicos para os outros profissionais de outros setores com a possibilidade de somar horas certificadas de capacitação e de haver remuneração pelos cursos. Além disso, o bibliotecário também propõe a prática de *workshops* semestrais para atualização entre setores, haja vista a rotatividade de profissionais, e a tentativa de tornar a intranet um espaço para descontração e diálogo entre profissionais.

O Entrevistado 5 também concorda com uma potencialização do uso da intranet e, adicionalmente, do email institucional, ferramenta já existente na instituição. Além disso, a resposta para que o trabalho cooperativo se dê de maneira mais orgânica é, para ele, *“apenas uma: comunicação e endomarketing”*. Já o Entrevistado 1, além de propor a criação de um espaço (físico ou virtual) onde os bibliotecários pudessem estar em

contato e onde fossem possíveis discussões, concorda com a necessidade de se promover “*encontros periódicos que tiram os funcionários da sua ilha*”. O Entrevistado 2 também propõe esse tipo de encontro. Para ele, “*cada setor poderia apresentar periodicamente os produtos e serviços que faz, as pessoas que trabalham lá e suas formações*”. Por fim, o Entrevistado 3, baseado em sua experiência profissional anterior, propõe, como os outros profissionais, *workshops* para funcionários da unidade onde se divulgariam as atividades, os objetivos e as modificações em cada um dos setores. Seria, afirma o bibliotecário, “*uma oportunidade de atualização dos serviços desenvolvidos em setores específicos*”. O bibliotecário afirma ainda que, por mais que haja uma tentativa inicial da Biblioteca de ambientar o profissional recém-contratado em todos setores, a dinâmica de mudanças dos setores torna a iniciativa insuficiente, por mais válida e legítima que ela seja.

6.1.3 Percepção do bibliotecário como agente multiplicador do processo (individual/em rede)

Nesta última parte da entrevista, procurou-se sondar como o bibliotecário se percebe no papel de multiplicador, tanto individualmente como no trabalho cooperativo. Tanto competências tecnológicas como pedagógicas e informacionais são avaliadas nessa categoria, sendo que, de acordo com Lau (2008), estas são frentes fundamentais no desenvolvimento de um processo de Capacitação em Informação.

A primeira questão dessa última parte, questão de número doze (12), procura saber dos entrevistados que habilidades tecnológicas precisam ser desenvolvidas melhor por eles para que se tornem multiplicadores em um programa de capacitação. Essa pergunta está totalmente atrelada à afirmação de Lau (2008, p. 32) de que uma das características de multiplicadores que se auto-atualizam é a responsabilidade “por sua própria aprendizagem e de suas próprias destrezas no uso de tecnologias”.

Percebeu-se, através das respostas dos entrevistados, uma aproximação grande dos bibliotecários com as novas tecnologias da informação. Em sua totalidade, os entrevistados possuem um certo tipo de afinidade com tecnologia e não encaram as “novidades” como barreiras. O Entrevistado 2, por exemplo, afirma que, ao invés de dificuldades, ele apresenta disponibilidade para treinamento e aprendizagem de novas ferramentas. O Entrevistado 1 vai pelo mesmo lado e afirma: “*a parte tecnológica não é*

uma barreira para desenvolver meu trabalho como multiplicador". Já o Entrevistado 3, por mais que tenha dito não ter dificuldade com tecnologias e novos *softwares*, afirma: *"sinto falta, particularmente, de ter mais habilidade para confeccionar objetos educacionais"*. Para ele, estes objetos poderiam agregar um imenso valor à iniciativa de treinamento e capacitação de usuários. O Entrevistado 5, após falar sobre algumas dificuldades que são pontualmente enfrentadas em seu setor com o uso de tecnologias, resume em sua resposta escrita: *"Reaver conhecimentos práticos que por vezes estão em desuso mas são necessários, como facilidade de trabalhar em diversas plataformas (Windows, Linux) e resolver pequenos problemas que dispensam a dependência de um outro profissional (conectividade em redes, Wi-fi, etc.)"*. Por fim, o Entrevistado 4 aparenta, em sua resposta, ser o mais convicto de suas necessidades de habilidades tecnológicas. Por mais que trabalhe com plataformas digitais, o bibliotecário afirma precisar aprender a cultivar o gosto por ler em tela do computador, a aprender um pouco sobre HTML, programação básica e atualizações de sistemas como o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) e outros.

A questão de número treze (13) se estrutura da seguinte maneira: **"Que habilidades relacionadas ao uso e pesquisa da informação poderiam ser melhor desenvolvidas para tornar você e o grupo de trabalho mais capacitados para um futuro programa de Competência em Informação?"**. Esta talvez seja uma das questões mais importantes da entrevista. Isso porque vai ao encontro do âmago desse projeto que objetiva, como citado anteriormente, identificar quais características devem permear a formação do bibliotecário multiplicador em Competência em Informação no contexto da BCE/UnB. Lau (2008) afirma que, para ser um multiplicador no processo de capacitação, é necessário que o bibliotecário desenvolva sua própria destreza em habilidades informativas. Além disso, é de suma importância que "os bibliotecários sejam especialistas no uso dos instrumentos e recursos de informação disponíveis na biblioteca, até mesmo a internet, incluindo os sites de busca, as bases de dados e as publicações eletrônicas, dentre outros conteúdos informacionais existentes dentro e fora da biblioteca." (LAU, 2008, p.32).

Por solicitação deste pesquisador, cada entrevistado respondeu à questão levantada em duas partes: primeiro, fazendo afirmações sobre si mesmo; depois, formulando respostas que pudessem ser generalizadas ou, no mínimo, compartilhadas

por representantes do grupo de bibliotecários da BCE. Do conjunto de respostas, tanto no âmbito individual como no âmbito coletivo, duas habilidades (apontadas a partir do modelo IDEIAS, descrito no Apêndice A) figuraram como as principais opções dos entrevistados: **Produção da informação** e **Comunicação da informação**.

Em sua resposta, o Entrevistado 4 postula exatamente as primeiras duas habilidades. Tanto a sua capacidade de produzir textos e novos conhecimentos quanto sua capacidade de comunicar informação de maneira que seja captável pelo usuário são alvos pessoais de desenvolvimento. Em relação ao grupo de bibliotecários, o Entrevistado 4 preferiu não responder por alegar não conhecer a todos. O Entrevistado 3, respondendo a essa questão, aponta a dificuldade que possui de desvincular-se do montante de atividades rotineiras de trabalho para encontrar tempo e disposição para produzir conhecimento. Para ele, o ideal seria poder contar com um grupo de profissionais que se ajudam em prol desse objetivo. No momento de apontar dificuldades encontradas no grupo, o bibliotecário preferiu afirmar que não encontrava nenhuma habilidade específica que precisasse ser desenvolvida de maneira generalizada. O grupo, afirma o Entrevistado 3, apresenta, em cada um dos profissionais, dificuldades particulares: *“um pode ser busca, outro para repassar o conhecimento da atividade que desempenha, outro apresenta/encontra barreiras no uso de ferramentas tecnológicas, outros possuem barreiras de língua”*.

Continuando a análise dos dados dessa questão, chega-se ao Entrevistado 5. Diferentemente dos outros profissionais, o Entrevistado 5 afirma que *“a parte da comunicação é tranquila”*. Sua maior dificuldade é o foco, *“entre produzir e desenvolver uma pesquisa por hobby ou paixão, ou investir em algo que afete diretamente meu lado profissional. Acabo sem fazer nem um nem outro!”*. Já em relação ao grupo, *“a questão da produção de conhecimento poderia ser algo que fica em primeiro plano, mas é totalmente ignorada”*, finaliza o bibliotecário. Voltando à habilidade de comunicar a informação, tanto o Entrevistado 1 como o Entrevistado 2 apresentam dificuldades nesse tema. O Entrevistado 2 afirma ser tímido e por isso aponta a necessidade de melhorar a comunicação e desenvolver habilidades para transmitir o conhecimento adquirido. Em relação ao grupo, esse bibliotecário é categórico em sua resposta: *“precisamos conhecer mais a variedade de fontes de informação disponíveis na biblioteca (temos vinis, partituras, coleções de arte e etc.)”*. Já o Entrevistado 1, em relação ao grupo, apenas generaliza aquilo que é apontado por ele como sua maior necessidade: comunicação e

transmissão da informação: *“Como pegar o que a gente sabe e passar de maneira que as pessoas entendam? A questão didática e discursiva precisa ser mais trabalhada”*, afirma o bibliotecário.

A última questão da entrevista, de número quatorze (14), remete-nos novamente à experiência das intervenções realizadas na primeira parte do Projeto de Iniciação Científica, como consta no Apêndice A. A pergunta é: **“Que dificuldades você poderia apontar no seu desempenho como multiplicador? Algumas dessas dificuldades são compartilhadas também pelo grupo? Se sim, quais seriam elas?”**.

Pode-se perceber no conjunto de respostas de cada entrevistado alguns pontos compartilhados entre quase todos. Entre esses pontos está a dificuldade do “como fazer”. A maioria dos entrevistados afirma conhecer e dominar o conteúdo que foi ensinado, porém, enfrentava bastante dificuldades ao tentar conceber um método ou uma boa prática que fosse capaz de transmitir todo este conteúdo de maneira lúdica, não massante e eficiente. O Entrevistado 1 afirma ser o desconhecimento de “boas práticas” desenvolvidas por outras bibliotecas universitárias, e de um método que poderia ser aplicado, sua maior dificuldade, como também será percebido na fala de outros bibliotecários.

O Entrevistado 2 confirma a afirmação do Entrevistado 1: coletivamente, a maior dificuldade apresentada pelo grupo foi pensar em uma maneira didática pra melhorar a forma de transmitir conhecimento. Além disso, o bibliotecário sentiu a necessidade de se desenvolver em suas habilidades pedagógicas com o fim de passar seu conhecimento de maneira atraente, de superar a timidez e a dificuldade de comunicação. Assim como o Entrevistado 2, o Entrevistado 3 afirmou que o mais difícil da experiência prática seria o medo de falar em público e o confronto com o grupo desconhecido de aprendizes. Além disso, a falta de conhecimento de um método pedagógico ideal para transmitir o conteúdo ainda vigora como uma das maiores dificuldades não somente dele mas do grupo. O Entrevistado 4 aponta apenas uma única dificuldade, exaltando a capacidade do seu grupo de trabalhar de maneira organizada e pacífica. A dificuldade dele, portanto, foi encontrar objetos de aprendizagem além do “Power point” (lembrando que a apresentação do seu grupo foi realizada em duas plataformas distintas: Prezi e Power point). Por fim, mas não menos importante, a resposta do Entrevistado 5:

O que afeta o meu desempenho é a motivação! Temos potencialidades, projetos, mas ficamos estagnados. Desde os projetos mais simples ao mais complexos, quando alguém se propõe a algo, é desmotivado por ser informado de que alguém já tentou e aquilo não deu certo 'por tal problema...'. Há um medo institucional de aceitar mudanças, há receio em confiar nos envolvidos, em busca de preservar reputação.

Após as entrevistas, todos os bibliotecários multiplicadores demonstraram interesse em participar de uma futura iniciativa de formação em Competência em Informação na BCE/UnB.

6.2 Campo x Literatura

Da tentativa de cruzamento dos dados coletados na pesquisa de campo com a fundamentação teórica explicitada nesta pesquisa, surgem alguns apontamentos significantes para subsídio de possíveis iniciativas de implementação de Competência em Informação na BCE/UnB. O surgimento de tais apontamentos se justifica pelo fato de que, por mais que o objetivo geral desta pesquisa estivesse ligado às características que devem permear a formação do bibliotecário multiplicador, o contexto no qual esse profissional se insere expõe muito de suas peculiaridades e desafios formativos. As entrevistas, portanto, possibilitaram um mapeamento de recursos dos profissionais e da instituição que poderão contribuir para definição de políticas e estratégias do programa de capacitação:

1) É consensual a afirmação de que o profissional bibliotecário já tem, por sua própria formação, domínio sobre certas técnicas e habilidades que possam vir a compor o bojo da Competência em Informação (DUDZIAK, 2007, SIMEÃO; PROENÇA, 2011, BERTÚLIO, 2012). Porém, percebeu-se nas entrevistas que o estudo sistemático da Competência em Informação e das práticas a ela relacionadas possibilitou a elucidação desse tema para os bibliotecários multiplicadores. Como consta na descrição das entrevistas, todos os bibliotecários, sem exceção, apontaram como principal contribuição da disciplina cursada o “acesso à fundamentação teórica sobre o tema Competência em Informação”. Por mais que eles já vivenciassem questões e processos inerentes ao tema no seu dia-a-dia profissional, não havia, no imaginário desses bibliotecários multiplicadores, antes de cursada a disciplina, uma sistematização do conteúdo ao qual remete a Competência em Informação. Isso pode ser evidência de uma

lacuna formativa advinda da graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília, já que a maioria dos bibliotecários entrevistados formaram-se na UNB.

2) Sobre as iniciativas de parceria, o trabalho conjunto entre Faculdade de Ciência da Informação e Biblioteca Central foi positivamente avaliado, nas entrevistas, no quesito formação continuada dos bibliotecários. A formação continuada, certamente, garante o envolvimento desses profissionais em um programa de pesquisa e a possibilidade de sua permanente atualização. Essa iniciativa vai ao encontro de uma antiga aspiração de Darcy Ribeiro no que tange ao funcionamento da Universidade de Brasília: proporcionar serviços primordiais para o florescimento de Brasília, entre eles, o de “assegurar aos profissionais de nível superior [...] oportunidades de reciclagem e especialização, através do programa de educação continuada” (RIBEIRO, 1978, p. 103).

Além disso, um empreendimento de ensino da Competência em Informação pode fomentar o aumento do vínculo existente entre a Faculdade, a Biblioteca e os bibliotecários. Isso é claramente percebido na discussão, descrita na seção 2.1.1 deste trabalho, empreendida pela ACRL sobre incorporação de Competência em Informação em instituições de educação superior. Nela, se afirma que é necessário, para tal, um trabalho colaborativo que envolva faculdades, administradores e bibliotecas universitárias.

Assim como “a cooperação entre administradores, bibliotecários, docentes e técnicos é uma das premissas para que se desenvolvam programas educacionais voltados para a *Information Literacy*” (DUDZIAK, 2001, p. 131), o seu inverso é verdadeiro: um programa de Competência em Informação é um potencial consolidador das relações entre faculdade, biblioteca e bibliotecários já que cobra dessas estruturas institucionais uma certa cooperação e co-responsabilização por serviços determinados.

A parceria desenvolvida entre a FCI e a Biblioteca Central da Universidade de Brasília é uma forma de melhorar, também, a integração da equipe da própria Biblioteca. Esse importante aspecto reflete a preocupação dos entrevistados pela melhoria dos serviços internos e o desejo de uma formação permanente que possa contribuir também para o marketing da BCE e de seus serviços. Certamente, a formação pessoal desses profissionais teria um impacto positivo para a própria biblioteca.

3) Sobre as características formativas dos multiplicadores, pressupõe-se que, por

mais que possuam uma vastidão de competências ligadas ao manejo da informação em seus múltiplos aspectos, bibliotecários não compartilham, de forma homogênea, as mesmas características e competências. No caso averiguado nesta pesquisa, por mais que os bibliotecários tenham apontado dificuldades semelhantes na prática de um multiplicador, cada um deles possui facilidades específicas, pontos fortes e debilidades no que tange à prática de sua profissão.

Frente a isso, um espaço/grupo voltado ao desenvolvimento coletivo de competências, aonde dificuldades formativas dos futuros multiplicadores fossem sanadas pelos próprios colegas de profissão, parece ser uma iniciativa legítima e de baixo custo. Essa ação valoriza o profissional e o insere em um ambiente de ensino e pesquisa, aspecto destacado nas entrevistas como uma necessidade prioritária dos bibliotecários. Encontros de atualização em Competência em Informação efetuados por bibliotecas universitárias, ainda que em maiores proporções, são prática comum em bibliotecas mexicanas, como é o caso das bibliotecas da Universidad Autónoma de Ciudad Juarez (LAU, 2007).

Foi identificada, também, a necessidade de criação de um grupo de pesquisadores ligados ao tema dentro da própria BCE. Esse esforço contribuiria para que a instituição possa ter dados sistemáticos sobre a informação produzida pelos alunos nas atividades e sua relação com a política de informação. Os multiplicadores desenvolveriam, portanto, pesquisas sobre os treinamentos e o impacto que poderão causar na UnB em um futuro projeto de Competência que pudesse se estender à graduação e pós-graduação.

Outro benefício que poderia surgir de tais iniciativas é a atualização, por parte dos bibliotecários, dos serviços oferecidos por cada setor da biblioteca, sem a qual, a capacitação em Competência em Informação torna-se inviável. Como dito na descrição do modelo conceitual que pautou as entrevistas, uma das indicações de Lau (2008) para que seja possível a auto-atualização dos futuros multiplicadores é que haja oportunidades de colaboração dos bibliotecários com seus pares num contexto que permita dar e receber apoio contínuo. Essa atualização sugerida seria uma resposta institucional válida frente à constante alegação, por parte dos bibliotecários, de desconhecimento dos serviços e dos profissionais de outros setores da biblioteca.

A realização de um evento interno com esse intuito poderia aproximar os setores da BCE/UnB e, ao mesmo tempo, fortalecer o grupo de bibliotecários que estará a frente

do processo. Isso porque, além de promover internamente o conhecimento de todas as ferramentas e serviços existentes na biblioteca, seria possível um mapeamento das características e habilidades dos profissionais da instituição. Tal mapeamento pode possibilitar a identificação de instrutores para a equipe em uma proposta não onerosa e operacionalmente viável para a BCE/UnB.

4) Como consta na análise dos dados coletados na pesquisa de campo, percebeu-se uma aproximação grande dos bibliotecários com as novas tecnologias da informação. Isso os qualifica como profissionais da informação que estão aptos a “linkar” seus conhecimentos informacionais com o constante desenvolvimento tecnológico de seus instrumentos. A missão bibliotecária descrita por Ortega y Gasset (2006), que é determinável de maneira histórica e que se materializa, hoje, na orientação do leitor na selvageria do mundo informacional, requer uma resposta tecnologicamente viável daqueles que se interpõem entre a torrente de informações e o homem. Nesse sentido, os bibliotecários analisados apresentam-se como inicialmente aptos a essa demanda contemporânea. Ainda que não sejam, e nem devam procurar ser, profissionais que dominam a tecnologia por completo, essa disposição apontada pelos entrevistados os coloca, de acordo com Borges (2004), no rol de profissionais capacitados a responder positivamente às demandas mercadológicas desse novo profissional da informação.

5) Sobre a alegada deficiência no que tange à comunicação da informação, os entrevistados demonstram o entendimento, compartilhado na literatura (DUDZIAK, 2001, 2007, SIMEÃO; PROENÇA, 2011, BERTÚLIO, 2012), de que o bibliotecário multiplicador deve exercer papel de educador, e que para tal, requer-se dele um domínio ainda maior de habilidades pedagógicas. Para que essa defasagem pedagógica seja sanada, várias iniciativas podem ser tomadas, desde oferta de disciplinas, pela PPGCInf da FCI, focadas em habilidades pedagógicas e criação de objetos de aprendizagem, o que fomentaria a continuidade da aproximação entre os bibliotecários e a Faculdade de Ciência da Informação, até uma maior exposição dos bibliotecários multiplicadores às práticas de instituições nacionais e internacionais sobre o tema. Isso iria ao encontro da alegação da maioria dos entrevistados que afirmavam dominar o conteúdo a ser ensinado, porém, encontravam dificuldades ao tentar conceber um

método ou um boa prática que fosse capaz de transmitir todo esse conteúdo de maneira lúdica, não massante e eficiente.

Como se percebe em alguns países como Austrália (PEACOCK, 2007); Suécia, Finlândia, Dinamarca e Suécia (TOLONEN, 2007); e Irlanda (WEBBER; MCGUINESS, 2007), treinamentos focados no desenvolvimento de habilidades pedagógicas e no entendimento de processos de aprendizagem são oferecidos a bibliotecários e instituições interessadas em Competência em Informação. Talvez, algum tipo de curso imersivo focado unicamente em habilidades didático-pedagógicas, aos moldes do Programa de Imersão do Instituto para Competência em Informação da ACLR (GOFF, 2007), possa ser uma alternativa viável para o treinamento e a capacitação pedagógica dos bibliotecários multiplicadores da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

7 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo indentificar quais características devem permear a formação do bibliotecário multiplicador no contexto da BCE/UnB. Para alcançar este objetivo, entrevistou-se bibliotecários da Biblioteca Central que podem ser encarados como possíveis multiplicadores em Competência em Informação nesse contexto.

Da fundamentação teórica desta pesquisa, percebe-se que biblioteca e bibliotecário desempenham um papel fundamental no discurso sobre Competência em Informação em Universidades. A biblioteca universitária, como mediadora de conhecimento, torna-se, por sua própria estrutura funcional e instrumental, um possível pólo de desenvolvimento de habilidades e competências em informação. O bibliotecário, por sua vez, a partir do domínio técnico dos instrumentos de pesquisa e da capacitação em informação que faz parte de sua formação, destaca-se como profissional adequado e indicado para a capacitação de usuários em Competência em Informação em seu local de atuação.

Além disso, percebeu-se, ainda na análise da literatura, a adequação tanto estrutural como histórica e vocacional que a Universidade de Brasília e sua Biblioteca Central apresentam para uma proposta de inserção da Competência em Informação em suas iniciativas de formação, capacitação e treinamento. A visão “darcyniana” de Universidade, se reconsiderada à luz da contemporânea Sociedade da Informação e das novas demandas por ela e pelas novas tecnologias impostas, parece inserir a Competência em Informação como parte da agenda operacional da Universidade de Brasília. E nesse sentido, a Biblioteca Central, como herdeira da função de oportunizar serviços de gestão da informação e intercâmbio científico e cultural, não contradiz o discurso teórico analisado até então, ao contrário, destaca-se como possível pólo para a capacitação em informação.

Aqui, cabe a lembrança de que a BCE/UnB, originalmente projetada como um Órgão Complementar da Universidade de Brasília, teria, como os outros órgãos dessa natureza - Aula Magna, Editora Universidade de Brasília, Rádio Universidade de Brasília, Museu da Civilização Brasileira, Museu da Ciência, Museu de Arte e outros órgãos e serviços, que venham a ser instituídos pelo Conselho Diretor (FUB, *online*) - a missão de transformar as atividades de extensão universitária em “programas concretos de elevação no nível cultural de toda a população da nova capital” (DARCY, 1978, p. 104). A

Competência em Informação seria, hoje, um instrumento relevante de elevação cultural da população brasileira, podendo ser inserida, portanto, na agenda de extensão da Biblioteca Central e de cursos de graduação ligados a informação, comunicação e tecnologia.

A partir da análise dos dados colhidos nas entrevistas e do cruzamento destes dados com informações advindas da literatura, conclui-se que as características que devem permear a formação do bibliotecário multiplicador no contexto da BCE/UnB são: a **atualização** sobre os serviços prestados pelos diversos setores da biblioteca, a ênfase em **habilidades didático-pedagógicas**, e o incentivo, por parte da biblioteca, à **produção de conhecimento** e à **educação continuada**.

O empreendimento de constante atualização dos multiplicadores sobre os serviços prestados pela biblioteca os mune de domínio sobre os recursos que serão utilizados nas oficinas de capacitação em informação; a ênfase em habilidades didático-pedagógicas faz com que as dificuldades voltadas à transmissão e comunicação da Competência em Informação sejam sanadas; e o incentivo, por parte da biblioteca, à produção de conhecimento e à educação continuada faz com que os benefícios colhidos pelos bibliotecários que já foram sensibilizados ao tema da Competência, continuem sendo sentidos pela biblioteca por mais tempo. Essa perspectiva atribui ao funcionário a atuação, em sua instituição, como pesquisador que analisa, à luz da ciência, o trabalho que realiza.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential Committee on Information Literacy**: Final Report. Washington, D.C., 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso em: 25 jun. 2012.
- APARÍCIO, Maria Alexandra Miranda. **A Sociedade da Informação**: perspectivas para Angola. 2006. 272 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Departamento de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- ASSOCIATION OF COLLEGE RESEARCH LIBRARIES. **Information Literacy Competency Standards for Higher Education**. [S.l.]: ACRL, 2000. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/standards/informationliteracycompetency#ildef>>. Acesso em: 24 jun. 2013.
- BELLUZZO, Regina Celia Baptista. **Educação de usuários de bibliotecas universitárias**: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes. 1989. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=18787>. Acesso em: 5 jul. 2013.
- BELLUZZO, Regina Celia Baptista *et al.* *Information Literacy*: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v.6, n.1, p.81-99, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2009/1837>> Acesso em: 27 jun. 2013.
- BELLUZZO, Regina Celia Baptista; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Em busca de parâmetros de avaliação da formação contínua de professores do ensino fundamental para o desenvolvimento da *information literacy*. *ETD*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 129-139, jun. 2004. Disponível em: <http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10400/ssoar-etd-2004-2-belluzzo_et_al-em_busca_de_parametros_de.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- BERNHEIM, Carlos Tünnermann; CHAÚÍ, Marilena de Souza. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**: cinco anos depois da conferência mundial sobre educação superior. Brasília: Unesco, 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2013.
- BERTÚLIO, André Luiz de Araújo. **Estudo e Formação de Multiplicadores em Competência Informacional**. 2012, 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.UnB.br/bitstream/.../1/2012_Andre_LuizdeAraujoBertulio.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2013.
- BIBLIOTECA CENTRAL. **Site institucional da Biblioteca Central da Universidade de Brasília**. Disponível em: <<http://www.bce.UnB.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. IN: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro (org.). **Profissional da Informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. Parte 1, Cap. 2, p. 55-69.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 de dez. de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm> Acesso em: 25 jun. 2012

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento Informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico**. 2009. 156 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-7UUPJY/tesebernadetesantoscampello.pdf?sequence=1>> . Acesso em: 05 jul. 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19021.pdf>. Acesso em: 07 maio 2012.

CAMPELLO, Bernadete Santos. A escolarização da competência informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: Nova Série**, São Paulo, v.2, n.2, p.63-77, dez. 2006. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/18>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan-dez. 2010. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Políticas de formação para competência informacional: o papel das Universidades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: Nova Série**, São Paulo, v.2, n.2, p.47-62, dez. 2006. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/17>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

COLÓQUIO EM NÍVEL SUPERIOR SOBRE COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E APRENDIZADO AO LONGO DA VIDA, 2005, Alexandria. **Faróis da Sociedade da Informação: Declaração de Alexandria sobre Competência Informacional e Aprendizado ao Longo da Vida**. Alexandria: IFLA: UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA - 14ª REGIÃO (CRB - 14ª REGIÃO). **Carreira**: Site institucional dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia. Disponível em: <<http://www.crb14.org.br/carreira.php>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet De Lemos, 2008.

DECLARAÇÃO DE HAVANA: 15 ações de Competência em Informação/ALFIN... por um trabalho colaborativo e de criação de redes para o crescimento da competência em informação no contexto dos países ibero-americanos. **Seminário Lições Aprendidas em Programas de Competência em Informação na Íbero-américa**, 2012. Disponível em: < <http://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/Declaration/Compet.Declara-de-Havana.2012.Portu-Brasil.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ sobre a competência em Informação. **Seminário sobre Competência em Informação: cenários e tendências**, 2011. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Declaracao%20de%20Maceio%20sobre%20Competencia%20em%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

DIREÇÃO BCE. **Dados sobre a biblioteca para inserção em um TCC**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jonathascamacho@gmail.com> em 25 jun. 2013.

DUDZIAK, E. A. **A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <[http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1KR7VCSQX-236FRSG-5T42/DUDZIAK\(2001\)-Dudziak2.pdf](http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1KR7VCSQX-236FRSG-5T42/DUDZIAK(2001)-Dudziak2.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2012.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n.1, p. 23-35, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100003>. Acesso em: 25 jun. 2012.

DUDZIAK, E. A. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento e Inclusão Social. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.1, n.1, p. 88-98, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewArticle/1396>>. Acesso em: 25 jun. 2012

DUTRA, Tatiana N.; CARVALHO, André Vasconcelos. O profissional da informação e as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho emergente. **Enc. Bibl. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 22, jul./ago. 2006, p. 178-193. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14702213>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

EGGERT, Gisela; MARTINS, Maria Emília Ganzarolli. Bibliotecário. Quem é? O que faz? **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.1. n.1, p. 45-48, 1996. Disponível em: <<http://www.revista.acbsc.org.br/racb/article/download/310/351>>. Acesso em: 04 jul. 2013.

FERREIRA, Lusimar Silva. **Bibliotecas universitárias brasileiras: Análise de Estruturas Centralizadas e Descentralizadas**. São Paulo: Pioneira, 1980.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (FUB). **Estatuto**. Site institucional da Universidade de Brasília. Disponível: <<http://www.unb.br/administracao/fub/estatuto.php>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

GARCIA-MORENO, Maria Antônia. As tecnologias da informação e comunicação no contexto da Alfabetização Digital e Informacional. In: CUEVAS CERVERÓ, Aurora; SIMEÃO, Elmira (Coord.) **Alfabetização Informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília: Thesaurus, 2011. Parte 1, Cap. 2, p. 39-53.

GASQUE, Kelley Cristine G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 39 n. 3, p.83-92, set./dez., 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v39n3/v39n3a07.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

GASQUE, Kelley Cristine G. D. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: FCI/UNB, 2012. Disponível em: <http://leUnB.bce.UnB.br/bitstream/handle/123456789/22/Letramento_Informacional.pdf?sequence=3>. Acesso em: 30 mar. 2012.

GOFF, Linda J. United States and CANADA. In: **Information Literacy: an International State-of-the Art Report**. IFLA, 2007, p. 103-109. Disponível em: <http://www.jesuslau.com/docs/publicaciones/doc2/UNESCO_state_of_the_art.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013

HATSCHBACH, Maria Helena L. **Information literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - IBICT, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://tede-dep.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=37>. Acesso em: 05 jul. 2013.

LAU, Jesús. Latin América. In: **Information Literacy: an International State-of-the Art Report**. IFLA, 2007, p. 31-47. Disponível em: <http://www.jesuslau.com/docs/publicaciones/doc2/UNESCO_state_of_the_art.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

LAU, Jesús. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Tradução para o português por Regina Célia Baptista Belluzo. São Paulo: UNESP, 2008. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

LECARDELLI, Jane; PRADO, Noêmia Schoffen. Competência Informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação: Nova Série**, São Paulo, v.2, n.2, p.21-46, dez. 2006. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/16>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

MATA, Marta Leandro da. **A competência informacional de graduandos de biblioteconomia da região sudeste: um enfoque nos processos de busca e uso ético da informação**. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade

de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata_ml_me_mar.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MIRANDA, Silvana Vieira. Identificando Competências Informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 112-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a12v33n2.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do Bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

PASQUARELLI, Maria Luiza Rigo. **Procedimentos para busca e uso da informação: capacitação de aluno de graduação**. Brasília: Thesaurus, 1996.

PEACOCK, Judy. Austrália. In: **Information Literacy: an International State-of-the Art Report**. IFLA, 2007, p. 05-22. Disponível em: <http://www.jesuslau.com/docs/publicaciones/doc2/UNESCO_state_of_the_art.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

PINTO, María; SALES, Dora. Spain. In: **Information Literacy: an International State-of-the Art Report**. IFLA, 2007, p. 54-85. Disponível em: <http://www.jesuslau.com/docs/publicaciones/doc2/UNESCO_state_of_the_art.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

PONTES, Rute Batista de; VÁLIO, Else Benetti Marques. Leitura do bibliotecário acadêmico: formação e atuação. **Transinformação**, v. 10, n. 3, p. 45-72, setembro/dezembro, 1998. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000162&dd1=74626>. Acesso em: 5 jul. 2013.

RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

RIBEIRO, Darcy. **A Universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SANTOS, Thalita Franco dos. **Competência informacional no ensino superior: um estudo de discentes de graduação em Biblioteconomia no estado de Goiás**. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2011. Disponível em: <http://repositorio.UnB.br/bitstream/10482/8906/1/2011_ThalitaFrancodosSantos.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2012.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/235/22>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

SCONUL. **The SCONUL Seven Pillars of Information Literacy: core model for higher education**. 2011. Disponível em: <www.sconul.ac.uk/groups/information_literacy/publications/coremodel.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2012.

SILVA, Armando Malheiro da. Inclusão Digital e Literacia Informacional em Ciência da Informação. **Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC**, Portugal, n. 7, p.16 -43. 2008. Disponível em: <[http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view File/683/pdf](http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/File/683/pdf)>. Acesso em: 14 maio 2012.

TAKAHASHI, Tadao (Org). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

TOLONEN, Eva. Nordic countries: Finland, Denmark, Norway and Sweden. In: **Information Literacy: an International State-of-the Art Report**. IFLA, 2007, p. 48-53. Disponível em: <http://www.jesuslau.com/docs/publicaciones/doc2/UNESCO_state_of_the_art.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI**: visão e ação, 1998. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). **O que é**. Site institucional da Universidade de Brasília. Disponível em: <http://www.UnB.br/sobre/o_que_e>. Acesso em: 27 jun. 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) - CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO. **Plano Orientador da Universidade de Brasília**. [S.d.]. Editora Universidade de Brasília, 1962.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. Competência Informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1745/1343>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

WEBBER, Sheila; MCGUINNESS, Claire. United Kingdon and Ireland. In: **Information Literacy: an International State-of-the Art Report**. IFLA, 2007, p. 91-100. Disponível em: <http://www.jesuslau.com/docs/publicaciones/doc2/UNESCO_state_of_the_art.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

ZURKOWSKI, Paul G. **The information service environment relationships and priorities**. Washington DC.: National Commission on Libraries and Information Science, 1974. Disponível em: <<http://community.eldis.org/?233@@.5b67aa1f/5!enclosure=.5b683007>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

APÊNDICE A - Relatório parcial do Projeto de Iniciação Científica “Competência em Informação como atividade do bibliotecário” (1ª Etapa)

Este relatório descreve a trajetória parcial do bolsista de Projeto de Iniciação Científica da Universidade de Brasília 2011/2012, Jônathas Camacho, cujo título do projeto é “Competência em Informação como atividade do bibliotecário”. O projeto visa fortalecer a Biblioteca da Universidade de Brasília (BCE/UnB) como uma instituição independente, capaz de liderar o processo de letramento e inclusão digital com alunos e professores, e lançar as bases que permitirão o alargamento ou a projeção de experiência para outras universidades.

O objetivo geral do projeto é contribuir para a melhoria dos processos de Competência em Informação nas bibliotecas acadêmicas e trocar experiências e conhecimentos que possam enriquecer, principalmente, a formação do aluno de graduação. Para tal, tornou-se necessário analisar as características e peculiaridades dos bibliotecários da BCE/UnB e seu desempenho como multiplicadores no processo de capacitação de usuários para pesquisa e busca de informações em atividades acadêmicas. Tendo isso em vista, a primeira etapa da pesquisa foi estruturada de maneira que fosse possível acompanhar alguns bibliotecários da BCE/UnB enquanto passavam por um semestre de estudo e prática em Competência em Informação.

O acompanhamento dessa fase se deu através de pesquisa de campo baseada em observações participantes e questionários aos alunos da disciplina “Tópicos Especiais em Comunicação e Mediação da Informação: Letramento/Competência Informacional”, ofertada no segundo semestre de 2011 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação (PPGCinf.).

Essa etapa desenvolveu-se através de uma parceria entre os alunos de Iniciação Científica: Jônathas Camacho, Rosane Cossich e Thayany dos Anjos, e o até então mestrando André Bertúlio, também sob a orientação da Profa. Dra. Elmira Simeão. Esse trabalho conjunto objetivava o levantamento de informações úteis para a pesquisa de todos os membros do grupo. Pelo fato de duas pesquisadoras deixarem o projeto no decorrer de seu desenvolvimento, não foi possível cumprir com totalidade a execução do plano de tarefas estipulado para a Iniciação Científica. Portanto, alguns objetivos que haviam sido perseguidos nesse projeto só poderão ser alcançados em iniciativas posteriores. Abaixo, os projetos de cada um dos envolvidos na pesquisa:

- **André Bertúlio** (Pós – Graduação)

Projeto: “Estudo e Formação de multiplicadores em Competência em Informação”;

- **Jônathas Camacho** (PROIC)

Projeto: “Competência em Informação como atividade do bibliotecário”;

Plano de trabalho: “Competência em Informação na BCE: teoria e prática para a capacitação dos multiplicadores”;

- **Thayany dos Anjos** (PROIC)

Projeto: “Competência em Informação e a Biblioteca Universitária”;

Plano de trabalho: “Competência em Informação para a BCE: diagnósticos para uma proposta de ALFIN na BCE para as Unidades Acadêmicas da UNB”;

- **Rosane Cossich** (PROIC)

Projeto: Competência em Informação e a formação dos usuários”;

Plano de trabalho: “Competência em Informação e a formação dos usuários”

Esse período de pesquisa coletiva, que serviu como um período de acompanhamento aos alunos da pós-graduação, voltou-se a um diagnóstico de perfis e pode ser dividido em três etapas distintas, na seguinte ordem cronológica:

a) Questionário inicial

Foi realizado um mapeamento, por meio de questionário, do perfil e das habilidades informacionais dos alunos da disciplina. Para a elaboração dos questionários, utilizou-se dos trabalhos de Mata (2009) e de Santos (2011) que também verificaram competências informacionais em alunos, porém com enfoques distintos. As diretrizes de sistematização da Competências em Informação que permearam a construção do questionário são parte constitutiva do “Modelo de inclusão digital e informacional orientado à saúde - IDEIAS”, que segundo Cuevas Cerveró *et al.* (2011, p. 88), é “um modelo avaliativo baseado em competências digitais, informacionais e sociais” que, por mais que tenha sido construído para dar suporte à formação,

capacitação e aprendizagem permanente de agentes comunitários de saúde (ACS), possui a aptidão de abranger “outros programas educativos especializados” (CUEVAS CERVERÓ *et al.*, 2011, p. 88).

Quadro 1: Categoria “Conhecimentos” do Modelo IDEIAS

CONHECIMENTOS		
-II- Inclusão informacional (ALFN) (Centrado em competências informacionais)		
Acesso à informação	Leitura da informação	Avaliação da informação
<p>1. Reconhecimento da necessidade de informação - É capaz de valorizar e reconhecer o grau de conhecimento que a informação pode lhe aportar. - Compreende as oportunidades que oferece o mundo da informação em diferentes âmbitos</p> <p>2. Identificação das fontes de informação - É capaz de identificar fontes de informação de distintos tipo - Selecciona conteúdos de distintas fontes para utilizá-los segundo seus objetivos de forma autónoma.</p> <p>3. Uso de estratégias para a localização de informação - É capaz de desenhar una estratégia de busca. - Executa comandos trás uma reflexão prévia. - Localiza hiper-vínculos conforme seus objetivos de aprendizagem</p>	<p>1. Compreensão da informação - Compreende sem dificuldade orações compostas/complexas ou parágrafos longos - É capaz de diferenciar e compreender ambigüidades semânticas. - Utiliza recursos auxiliares para compreender o conteúdo das mensagens (dicionário R.A.E. em rede, dicionário de sinónimos em rede, etc). - É capaz de entender com clareza a idéia principal do texto y seu valor em quanto ao objetivo da aprendizagem. - identifica palavras chave nos conteúdos das mensagens</p> <p>2. Leitura em distintos formatos y suportes - É capaz de interpretar conteúdos em distintos formatos y suportes de imagem, texto y áudio</p> <p>3. Leitura com distintas finalidades (ócio, aprendizagem, trabalho) - É capaz de interpretar conteúdos em distintos entornos (presenciais, virtuais) - É capaz de seleccionar suas leituras adequando-as à finalidade do conhecimento previsto. Planifica estratégias de leitura com propósitos cognitivos, criativos e de entretenimento. - Cria e desenha estratégias de leitura com propósitos criativos y lúdicos. - Cria e desenha estratégias de leitura com propósitos cognitivos e práticos. - É capaz de concentrar sua atenção e não se dispersar quando navega pela informação.</p>	<p>1. Avaliação da busca - Possui capacidade crítica para auto-avaliar o processo e o resultado final da informação obtida com a finalidade de lograr conhecimento. - Possui capacidade de valoração e análise crítico do processo de busca, do processo de aprendizagem e da informação obtida de acordo com o objetivo planejado.</p> <p>2. Avaliação da qualidade dos conteúdos - Emprega critérios para verificar a qualidade da informação - É capaz de realizar uma crítica construtiva da informação.</p> <p>3. Avaliação das fontes de informação - É capaz de valorar as fontes em função de interesses pessoais</p>
Uso da informação	Produção e comunicação da informação	Ética da informação
<p>1. Organização da informação - Estrutura a informação por ordem de importância. - Usa instrumentos de gestão de conteúdos (tesauros, tópic maps, mapas conceptuais ...) adequados a suas necessidades - É capaz de estruturar a informação ao conhecer em idéias principais e secundarias</p> <p>2. Integração de nova informação ao acervo pessoal - Emprega uma estratégia própria de assimilação do conteúdo conforme o próprio ritmo e nível de conhecimento. - É capaz de relacionar as palavras chaves dos conteúdos com conhecimentos prévios - É capaz de assimilar as idéias principais e enriquecê-las com conhecimentos prévios.</p> <p>3. Aplicar a informação incorporada para a solução dos problemas - Analisa a informação obtida e a compara com os objetivos iniciais de aprendizagem ou busca - Utiliza as ajudas ou tutoriais para a resolução de problemas - Empreende a leitura sabendo o que vai necessitar dela. - É capaz de organizar os conteúdos segundo o grau de importância para sua aprendizagem.</p>	<p>1. Comunicação da informação - Promove a leitura na sua comunidade, entorno de amigos ou familia. - É capaz de difundir o resultado da informação uma vez obtida</p> <p>2. Cooperação na produção de conhecimento - É capaz de desenhar estratégias de aprendizagem e de avalia-las dentro de um entorno de colaboração. - É capaz de implicar ao leitor na participação ativa para promover a leitura no seu entorno. - Assume atividades corporativas dentro de uma comunidade virtual</p> <p>3. Geração de novo conhecimento (a partir da informação incorporada e apreendida) - É capaz de editar adequadamente os conteúdos criados como consequência do aprendizado. - É capaz de planificar e editar documentos hiper-textuais para uso próprio e da comunidade. - É capaz de atribuir etiquetas semânticas aos conteúdos criados</p>	<p>1. Interesse pela informação em toda sua diversidade (contexto, fontes e culturas diversas) - É capaz de aceitar e apreciar as variantes dialetais e culturais da informação. - Compreende as limitações para acessar a determinada informação.</p> <p>2. Respeito dos direitos de liberdade e propriedade intelectual - Lê e entende os avisos legais o copyright. - É capaz de evadir se das mensagens publicitárias</p> <p>3. Compartilhar informação com a comunidade - É capaz de desenhar estratégias de aprendizagem e de avalia-las dentro de um entorno de colaboração. - Respeita opiniões e pontos de vista de outros membros do grupo de trabalho. - É capaz de negociar e consentir regras de funcionamento virtual.</p>

Fonte: Pedro López López, Aurora Cuevas Cerveró, Inmaculada Velloso González, M^a Antonia García Moreno. Universidad Complutense. Grupo de investigación *Biblioteca y Sociedad* (BISOC)

Estão inclusos neste modelo de avaliação quatro categorias principais sendo que, para a confecção dos questionários, apenas a coluna dos Conhecimentos foi utilizada. Esta trata da categoria “inclusão informacional” centrando-se nas competências informacionais derivadas da alfabetização em informação (ALFIN), destacando “as habilidades relacionadas com a capacidade do sujeito vinculadas ao acesso e uso da informação contida nas mensagens ou documentos informativos de qualquer índole” (CUEVAS CERVERÓ *et al.*, 2011, p. 97). Além de incluir o tronco básico da concepção da America Library Association (ALA) sobre “Competência em Informação” - a saber: Acesso (Busca), Avaliação e Uso -, essa coluna “se complementa com outras competências objetivamente mensuráveis” (SIMEÃO; PROENÇA, 2011, p. 125), como é o caso da “competência leitora”, da “produção e comunicação da informação” e da “ética da informação”.

Essa primeira ferramenta foi elaborada conjuntamente por Jônathas Camacho e André Bertúlio e objetivou o levantamento de informações para a pesquisa do mestrando, publicada como dissertação de mestrado no ano de 2012. A partir da análise dos dados coletados, Bertúlio (2012) chegou à conclusão de que, de modo geral, os respondentes graduaram-se de 4 a 9 anos atrás, em sua maioria, possuíam pós-graduação, e apresentavam um alto grau de familiaridade com as práticas de alguém que é competente em informação.

b) Observação participativa

Após o mapeamento de perfis informacionais através de questionários e um período de estudo e discussão sobre Competência em Informação, os pesquisadores se propuseram a observar, juntamente com a Dra. Elmira Simeão, as intervenções nas quais cada grupo de alunos da disciplina teria a missão de ser multiplicador em Competência em Informação para alunos “calouros” de Biblioteconomia. Para tal experimentação, cinco grupos foram formados na turma, cada um responsável por uma das competências explicitadas na categoria “Conhecimento” do modelo IDEIAS (Quadro 1).

Neste segundo momento, os pesquisadores avaliaram as intervenções a partir de um processo de observação participativa: cada avaliador se inseria no processo de aprendizagem, fazendo-se não só avaliador mas também alvo desse processo. Tentou-se captar o conhecimento a ser disseminado e, ao mesmo tempo, qualificar o processo, as

ferramentas de ensino, a reação dos graduandos a essa experiência, e outras variáveis importantes para análise de um possível grupo de futuros multiplicadores.

Cada grupo foi acompanhado por pelo menos um dos pesquisadores, sendo que para cada intervenção um relatório descritivo e avaliativo foi redigido procurando seguir as diretrizes e pontos a serem observados na prática dos grupos, conforme recomendado pela orientadora dos projetos Prof^a Dr^a Elmira Simeão:

Quadro 2: Diretrizes e recomendações de avaliação para relatório de observação

COM RELAÇÃO AOS MULTIPLICADORES	COM RELAÇÃO AO SEMINÁRIO:
- Atitude do grupo de graduação;	- O roteiro e a programação da atividade prevista;
- Integração e impacto da atividade nos discursos e posições;	- O planejamento e a relação da atividade com o tema proposto no seminário;
- Divisão das tarefas entre os multiplicadores (tempo e tarefa);	- Forma de abordagem com o grupo da graduação (se o material e método apresentam adequação de linguagem, nível, etc.);
- Comportamento amistoso, cordial e integrador.	- Promoção do diálogo e interação participativa;
	- Uso efetivo do roteiro e improvisação positiva;

Os relatórios produzidos com base nas observações contém a análise do comportamento de cada potencial multiplicador e do grupo como um todo. A partir desses relatórios, que podem ser integralmente consultados em Bertúlio (2012, p. 61-74), alguns pontos positivos e negativos observados nas intervenções foram tabulados:

Quadro 3: Pontos positivos das intervenções

PONTOS POSITIVOS:
Facilidade de comunicação: os multiplicadores, em sua maioria, não apresentaram dificuldades na comunicação do conteúdo que deveriam ensinar. Destaca-se a utilização de um vocabulário acessível aos alunos de graduação, a clareza com a qual os multiplicadores transmitiram os conceitos e o domínio do conteúdo a ser ensinado;
Pontualidade: os grupos habitualmente preparavam tudo que era necessário para a apresentação do seminário antes do horário formal das aulas. Isso possibilitava que, à chegada dos alunos da graduação e dos membros do grupo de pesquisa, a intervenção começasse sempre no horário determinado, salvo desencontros de membros do grupo ou atraso dos alunos da graduação;
Diversidade de recursos multimídia: vários recursos multimídia foram utilizados nas intervenções. Além dos slides em Power point, ferramentas de apresentação como Prezi, vídeos, músicas e sites especializados foram utilizados pelos multiplicadores;
Valorização da opinião do aluno: os multiplicadores tentavam sempre ouvir e valorizar a opinião do aluno sobre o tema que estava sendo tratado. Ao invés de manter uma postura impositora, tentavam constantemente dialogar com os alunos no intuito de, juntos, constuírem conhecimento;

Quadro 4: Pontos negativos das intervenções

PONTOS NEGATIVOS:
Sistematização vs. Conhecimento livre: um discurso presente em muitas das intervenções foi o de atribuir à sistematização de um conhecimento ou do ensino de algum conceito uma barreira para a construção livre do conhecimento. Partindo desse pressuposto, alguns grupos facilmente abriam mão de uma organização prévia do seminário e de uma abordagem pré-planejada em nome do improviso e do diálogo livre;
Fuga ao tema: ao darem muita ênfase nos exemplos e nas ferramentas que poderiam ser úteis para que alguma das competências fosse desenvolvida, alguns grupos fugiram do tema proposto, enveredando por uma abordagem superficial da competência que culminava em assuntos alheios ao tema principal do seminário;
Administração do tempo: alguns grupos não souberam medir o tempo de exposição dos temas e de apresentação dos conceitos, a ponto de alguns momentos dos seminários se tornarem maçantes e desinteressantes aos alunos;
Poucos alunos presentes nos seminários: a partir da segunda intervenção, poucos alunos compareceram aos seminários restantes, sendo que dificilmente algum aluno participou de todas as intervenções. O número pequeno de alunos pode ter desestimulado os multiplicadores, assim como dificultado o tratamento de temas conectados com conceitos tratados nos seminários anteriores;

Os resultados das observações permitiram à pesquisa um mapeamento ainda maior de alguns comportamentos, práticas e conceitos que podem ou não ser reproduzidos em um processo de capacitação de usuários para pesquisa e busca de informação. As etapas descritas até aqui aproximaram os pesquisadores dos bibliotecários que participaram da disciplina. Essa aproximação munuiu o grupo de informações relevantes para a segunda etapa de cada uma das pesquisas, possibilitando a obtenção de resultados que seriam complementados pela avaliação das intervenções por parte dos graduandos.

c) Questionário avaliativo aos alunos de graduação

Por meio de questionário foi realizado um levantamento de informações que visavam complementar avaliação realizada pelos pesquisadores na observação participativa. Objetivava-se colher percepções dos alunos de graduação sobre a funcionalidade e o alcance das práticas de cada grupo de multiplicadores da pós-graduação.

Os resultados do questionário são de suma importância para a pesquisa de Bertúlio. Isso porque, em suas palavras,

é através do Feedback da turma de graduação que poderemos observar pontos negativos e positivos de potenciais Multiplicadores em Competência em

Informação; e mais importante que isso, será possível inferirmos quais características, requisitos, e atitudes, os alunos, aqui também atuando como representantes dos futuros aprendizes em Competência em Informação, esperam e almejam daqueles indivíduos que se proponham a compartilhar seu conhecimento informacional e tecnológico, quais sejam estes, os Multiplicadores em Competência em Informação. (BERTÚLIO, 2012, p. 50)

Analisando cada grupo de respostas, Bertúlio (2012) chegou às características pessoais e às práticas que devem ser cultivadas e evitadas pelos multiplicadores. Para ele, dentre outras características, deve-se evitar vícios de linguagem e postura, uso excessivo de slides com demasiada informação e seminários muito extensos. Por outro lado, algumas práticas devem ser desenvolvidas, dentre elas: respeitar ideias manifestadas pelos alunos e não fugir do roteiro da aula. É importante, também, relacionar a competência apresentada com temas da atualidade, facilitando a conexão do assunto com a realidade do aluno de graduação.

Pretende-se, em um segundo momento, entrevistar os bibliotecários da BCE/UnB que participaram da disciplina, objetivando identificar quais as características devem permear a formação do bibliotecário multiplicador em Competência em Informação no contexto da BCE/UnB. Nessa etapa, deverão ser analisadas, também, as características do grupo como possível líder do processo de estruturação e aplicação de um programa de capacitação em pesquisa e busca da informação em atividades acadêmicas na biblioteca em questão.

REFERÊNCIAS

BERTÚLIO, André Luiz de Araújo. **Estudo e Formação de Multiplicadores em Competência Informacional**. 2012, 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.UnB.br/bitstream/.../1/2012_Andre_LuizdeAraujoBertulio.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2013.

CUEVAS CERVERÓ, Aurora *et al.* Indicadores de inclusão digital e informacional direcionado a saúde (sic): desenvolvimento de competências. In: CUEVAS CERVERÓ, Aurora; SIMEÃO, Elmira (Coord.) **Alfabetização Informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília: Thesaurus, 2011. Parte 2, Cap. 1, p. 87-110

CUEVAS CERVERÓ, Aurora; SIMEÃO, Elmira (Coord). **Alfabetização Informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social**. Brasília: Thesaurus, 2011.

MATA, Marta Leandro da. **A competência informacional de graduandos de**

biblioteconomia da região sudeste: um enfoque nos processos de busca e uso ético da informação. 2009. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata_ml_me_mar.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.

SANTOS, Thalita Franco dos. **Competência informacional no ensino superior:** um estudo de discentes de graduação em Biblioteconomia no estado de Goiás. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2011. Disponível em: <http://repositorio.UnB.br/bitstream/10482/8906/1/2011_ThalitaFrancodosSantos.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2012.

SIMEÃO, Elmira; PROENÇA, Déborah. Oficinas de Alfabetização em Informação no contexto da saúde coletiva: explicações sobre a proposta e resultados de sua implementação em Sobradinho (DF-Brasil). In: CUEVAS CERVERÓ, Aurora; SIMEÃO, Elmira (Coord.) **Alfabetização Informacional e inclusão digital:** modelo de infoinclusão social. Brasília: Thesaurus, 2011. Parte 3, Cap. 1, p. 121-141.

APÊNDICE B - Entrevista PROIC**ENTREVISTA PROIC - MULTIPLICADORES EM COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE USUÁRIOS NA BCE**

Prezado (a),

Esta entrevista é parte de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre a orientação da Profa. Dra. Elmira Simeão. Objetiva identificar quais são as características necessárias aos bibliotecários da BCE para que estes sejam multiplicadores no processo de capacitação de usuários para pesquisa e busca da informação nesta biblioteca. Para tal, julgou-se útil selecionar os bibliotecários da BCE que participaram como alunos da disciplina da pós-graduação “Seminários Avançados Competência em Informação”, ofertada no segundo semestre de 2011 pela Pós-Graduação da Faculdade de Ciência da Informação. A escolha desses profissionais justifica-se pelo fato de que estes bibliotecários conhecem tanto o contexto operacional da biblioteca em questão como o bojo de competências em informação que formariam o arcabouço pragmático de um possível processo de capacitação de usuários em pesquisa e busca da informação. Tais profissionais já foram capacitados, entendem os conceitos e já foram sensibilizados preliminarmente através de discussões sobre implementação de Competência em Informação em bibliotecas.

O resultado dessa pesquisa será de extrema valia para estudo e análise da possibilidade da implementação de um programa de Competência em Informação na BCE-UnB.

Grato pela sua resposta,

Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos Santos
Matrícula: 09/0119045

Parte I - Perfil do multiplicador

1 - Nome: _____

2 - Idade: _____

3 - Ano e local de formação: _____

4 - Possui outro curso superior? () Sim () Não Qual? _____

5 - Possui pós-graduação? () Sim () Não Qual? _____

6 - Ano de contratação pela BCE: _____

7 - Em quais entidades de classe e/ou associações você está associado?

8 - Como a disciplina cursada em 2011/02 contribuiu para sua formação como Multiplicador?

Parte II - Percepção das ações da BCE para o tema

9 - Que atividades a BCE habitualmente promove para que os bibliotecários desenvolvam suas próprias habilidades em competência informacional?

10 - Em relação ao tema, quais os recursos e/ou iniciativas, ainda não disponíveis, que a BCE poderia oferecer aos bibliotecários?

11 - De que maneira a BCE poderia viabilizar o trabalho cooperativo e de equipes dos setores implicados para o desenvolvimento de um programa de capacitação em Competência em Informação? O que poderia ser feito para que o trabalho cooperativo se desse de maneira mais orgânica e integrada nesta instituição?

Parte III - Percepção do bibliotecário como agente multiplicador do processo (individual/ em rede)

12 - Que habilidades tecnológicas você precisa desenvolver para tornar-se um multiplicador em um programa de capacitação em Competência em Informação?

13 - Que habilidades relacionadas a uso e pesquisa da informação poderiam ser melhor desenvolvidas para tornar você e o grupo de trabalho mais capacitados para um futuro programa de Competência em Informação?

Pessoal: _____

Grupo: _____

14 - Que dificuldades você poderia apontar no seu desempenho como multiplicador?

Algumas dessas dificuldades são compartilhadas também pelo grupo? Se sim, quais seriam elas?
